

**HELOISE GRIPP DINIZ**

**A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras):  
Um estudo descritivo de mudanças fonológicas e  
lexicais**

**FLORIANÓPOLIS-SC  
2010**

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária  
da  
Universidade Federal de Santa Catarina

D585h Diniz, Heloíse Gripp

A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras)  
[dissertação] : um estudo descritivo de mudanças  
fonológicas e lexicais / Heloíse Gripp Diniz ; orientador,  
Tarcísio de Arantes Leite. - Florianópolis, SC, 2010.  
144 p.: il., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de  
Pós-Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. Língua brasileira de sinais -  
Fonologia. 3. Língua brasileira de sinais - Lexicologia.  
4. Análise comparativa. I. Leite, Tarcísio de Arantes. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-  
Graduação em Linguística. III. Título.

CDU 801

**HELOISE GRIPP DINIZ**

**A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras):  
Um estudo descritivo de mudanças fonológicas e  
lexicais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina – CCE/UFSC, como requisito à obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Tarcísio de Arantes Leite

Florianópolis-SC  
2010

**A HISTÓRIA DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA (LIBRAS):  
UM ESTUDO DESCRITIVO DE MUDANÇAS  
FONOLÓGICAS E LEXICAIS**

Heloise Gripp Diniz

Essa dissertação foi julgada adequada para obtenção de Título de Mestre em Linguística e aprovada em sua forma final pelo Curso de Pós-Graduação em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina no dia 18 de junho de 2010 em Florianópolis – SC - Brasil.

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Rosângela Hammes Rodrigues  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação Em Linguística  
Universidade Federal de Santa Catarina

**Banca Examinadora**

Prof. Dr. Tarcísio de Arantes Leite (orientador)  
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Edair Maria Gorski  
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Heloisa Maria M. L. Salles  
Universidade de Brasília

Prof<sup>ª</sup> Dra. Izete Lehmkuhl Coelho  
Universidade Federal de Santa Catarina

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus pela companhia inseparável.

Aos meus queridos e amados pais, Hércio e Hilma, pelo grande amor e pelo excelente exemplo de perseverança na vida.

Ao meu querido irmão, Humberto, pelo grande companheirismo das discussões sobre a vida, a vida dos surdos e a Libras.

À(os) amigas e amigos, surdos e ouvintes, pela sua convicção em minha competência no ingresso à área acadêmica.

Às amigas Vera Loureiro e Clélia Ramos pelo seu tempo e revisão de Português.

À minha colega do mestrado Shirley Vilhalva por suas informações sobre o mestrado da UFSC (o ingresso e o término do mesmo).

Ao meu professor orientador Tarcísio Leite, um grande mestre, pelo esforço em acompanhar as minhas expressões em Língua de Sinais com rapidez e a minha escrita de Português, pelas preciosas orientações sobre as línguas de sinais e pela revisão de Português.

À professora Ronice Quadros e à Universidade Federal da Santa Catarina/UFSC pelo acolhimento no espaço acadêmico.

Aos professores convidados da banca, pelas orientações para que esta pesquisa fosse concretizada.

Aos intérpretes de Libras, pela sua presença na qualificação e na defesa do mestrado.

Enfim, comunico que este é um estudo que transporta a bagagem especial de outros tempos para hoje porque recupera a história da língua de sinais, não só para nosso conhecimento histórico sobre Libras, mas também como uma forma de preservação e de respeito à (além de uma homenagem à) língua utilizada por surdos idosos.

Esta dissertação é dedicada à Libras e à comunidade surda que mantém a sua história com bravura e perseverança.

## RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo resgatar a parte da história da evolução da Libras, buscando o entendimento de um dos fenômenos linguísticos, a mudança presente no uso desta língua de sinais. Este resgate foi realizado por meio da recuperação de três registros históricos: os dicionários de sinais produzidos em épocas distintas. Com a recuperação destes documentos, são realizadas as etapas como o levantamento, a descrição e a análise comparativa dos sinais destes três dicionários do qual são classificados os sinais nas três categorias de sinais: os sinais idênticos, os sinais em mudança fonológica e os sinais em mudança lexical. Nos sinais em mudança, são analisadas as restrições físicas e visuais a partir das propriedades manuais e visuais na produção de sinais e percepção visual. Os resultados desta análise mostram que o processo da mudança nos sinais com alto grau da iconicidade percorre em direção à arbitrariedade no decorrer dos anos, através destas restrições fonológicas. Além da análise comparativa dos sinais, há a análise da discussão sobre os fatores socioculturais que nos levam a entender o funcionamento da Libras em relação aos falantes surdos e ouvintes e seu contato com a Língua Portuguesa no cotidiano da nossa sociedade.

Palavras-chaves: Libras; mudança fonológica e lexical; análise comparativa; restrições físicas e visuais.

## **ABSTRACT**

The present research has as objective to rescue the part of the history of the evolution of the Brazilian Sign Language, being searched the agreement of one of the linguistic phenomena, the present change in the use of these sign language. This rescue was carried through by means of the recovery of three historical registers: the dictionaries of produced signals of distinct times. With the recovery of these documents, the stages are carried through as the survey, the description and the comparative analysis of the signals of these three dictionaries of which the signals in the three categories of signals are classified: the identical signals, the signals in phonological change and the signals in lexical change. In the signals in change, the physical and visual restrictions from the manual and visual properties in the production of signals and visual perception are analyzed. The results of this analysis show that the process of the change in the signals with high degree of the iconicity covers in direction the arbitrariness in the long one to elapse of the years, through these phonological restrictions. Beyond the comparative analysis of the signals, it has the analysis of the quarrel on the sociocultural factors that take in to understand them the functioning of the Pounds in relation to the deaf personals and listeners and its contact with the Portuguese language in the daily one of our society.

**Keywords:** Brazilian Sign Language (Libras); phonological and lexical change; comparative analysis; physical and visual restrictions

“A língua de sinais, nas mãos de seus mestres, é uma língua extraordinariamente bela e expressiva, para a qual, na comunicação uns com os outros e como um modo de atingir com facilidade e rapidez a mente dos surdos, nem a natureza nem a arte lhes concedeu um substituto à altura. Para aqueles que não a entendem, é impossível perceber suas possibilidades para os surdos, sua poderosa influência sobre o moral e a felicidade social dos que são privados da audição e seu admirável poder de levar o pensamento a intelectos que de outro modo estariam em perpétua escuridão. Tampouco são capazes de avaliar o poder que ela tem sobre os surdos. Enquanto houver duas pessoas surdas sobre a face da Terra e elas se encontrarem, serão usados sinais.”

J.Schuyler Long  
Diretor da Iowa School for the Deaf  
*The sign language* (1910)

## Sumário

1.	Introdução	11
1.1.	Contextualização e Justificativa	11
1.2.	A Proposta da Pesquisa	14
1.3.	Contribuições e Limitações do Estudo	15
1.4.	Conclusão	18
2.	Fundamentação Teórica	20
2.1.	Introdução	20
2.2.	História da Evolução da Libras	20
2.3.	Desmitificando as Línguas de Sinais	24
2.4.	Fonologia e Morfologia nas Línguas de Sinais	28
2.5.	Processos Fonológicos e Morfológicos	35
2.6.	Variação e Mudança Linguística	43
2.7.	Conclusão	53
3	Metodologia da Pesquisa	54
3.1.	Introdução	54
3.2.	O <i>Corpus</i> da Pesquisa	55
3.2.1.	Iconographia dos Signaes	55
3.2.2.	Linguagem das Mãos	60
3.2.3.	O Dicionário Digital do INES	63
3.2.4.	Problemas de Analisabilidade do <i>Corpus</i>	67
3.3.	Procedimentos e Soluções Metodológicas para a Análise dos Dados	73
3.4.	Conclusão	77
4.	Análise Documental da Pesquisa	79
4.1.	Introdução	79
4.2.	Análise Comparativa dos Dados	80
4.2.1.	Sinais Idênticos	80
4.2.2.	Sinais em Mudança Fonológica	83
4.2.3.	Sinais em Mudança Lexical	85
4.3.	Tendências de Mudança na Libras	87
4.3.1.	Simetria de Duas Mãos	87
4.3.2.	Deslocamento Locativo	88
4.3.3.	Conteúdo Lexical para as Mãos	91
4.3.4.	Assimilação	92
4.3.5.	Deleção de Uma Parte do Sinal Composto	93
4.3.6.	Deleção de uma Mão de Sinal de Duas Mãos	94
4.4.	Discussão dos Resultados Referentes aos Dados das Categorias de Sinais	95

4.5. Análise da Discussão na Libras	99
4.6. Conclusão	105
5. Considerações Finais	107
6. Referências Bibliográficas	109
ANEXO	113

# 1. Introdução

## 1.1. Contextualização e Justificativa

Uma parte da história da evolução da Língua de Sinais Brasileira (Libras)<sup>1</sup> no Brasil está sendo resgatada e explorada nesta dissertação, através de um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais na perspectiva diacrônica. Esta parte explorada é enfatizada na área da pesquisa documental, baseada em estudos sociolinguísticos, focalizando o processo de mudança da língua de sinais em tempo real, ou seja, na linha do tempo.

A língua de sinais é a língua natural da comunidade surda de cada país, além da sua língua falada considerada como oficial, como no Brasil, a Libras, e quanto à língua falada, o Português. A expressão e a recepção em Libras se dá através dos sinais no canal da comunicação viso-espacial e em Português pelas palavras no canal da comunicação auditiva. Esta pesquisa está interessada em descrever e analisar os sinais no processo da mudança e identificar os tipos que tendem à mudança. Estes sinais estão em alguns documentos históricos, sendo que escolhemos trabalhar com os dicionários de língua de sinais.

Nos interessou, em particular, a influência do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)<sup>2</sup> no desenvolvimento da Libras, pois o INES surge vinculado a três dicionários de língua de sinais de épocas diferentes. Assim, podemos resgatar esta parte da história da Libras, mostrando a existência de mudança linguística.

Minha atitude diante deste tema de pesquisa tem sido ao mesmo tempo de proximidade e distanciamento. Por um lado, a Libras é a minha primeira língua, a minha vida, a minha comunicação, já que sou filha surda de pais surdos. Possuo parentes surdos na família e sou participante ativa da comunidade surda da capital do Rio de Janeiro. Posso ser considerada como “testemunha ativa” no processo de

---

<sup>1</sup> A Língua de Sinais Brasileira (Libras) é considerada a língua natural das pessoas surdas e na sua comunicação viso-espacial, de acordo com a Lei nº 10.436. Em respeito à nomenclatura da Língua de Sinais Brasileira, antes de nomear a língua de sinais, a Libras ou a LSB, sempre existiram os inúmeros termos, como gestos, mímica, linguagem das mãos, linguagem de sinais no decorrer dos anos. Infelizmente alguns destes termos permanecem até hoje, por carência de divulgação e conscientização da população.

<sup>2</sup> O Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) foi fundado na capital do Rio de Janeiro, em 1857 pelo professor surdo e francês, E. Huet, em parceria com o Imperador D. Pedro II, com a intenção de atender os alunos surdos. E atualmente é uma referência nacional na história da Educação de Surdos no Brasil. Para maiores informações, ver [www.ines.gov.br](http://www.ines.gov.br).

mudança da Libras, ou seja, tenho presenciado a variação e a mudança de alguns sinais durante a comunicação dos meus pais e seus pares da mesma idade e comparando os mesmos na comunicação do meu grupo social. Por outro lado, na condição de uma pesquisadora da língua, procuro me manter distante, apenas investigando este processo de descrição e análise comparativa dos sinais buscando evitar que estereótipos, preconceitos e outras atitudes valorativas em relação à língua interfiram na investigação.

Tenho orgulho de estar cercada na convivência e no conhecimento da história do INES. Esta história sempre esteve presente na minha infância através das histórias narradas do cotidiano escolar por meu pai e por meus dois tios surdos, ex-estudantes da instituição, que foram sujeitos divulgadores da língua de sinais em nossa comunicação tanto no nosso lar quanto na comunidade surda da minha cidade nos dias de hoje.

No contato com a Libras desde meu nascimento, na família e nas associações de surdos, e também sob forte influência do ambiente do INES, presenciei cotidianamente fenômenos similares aos que serão aqui estudados, tal como o da variação de itens lexicais e o da mudança fonológica e lexical. Alguns desses casos serão aqui reportados com o intuito de ilustrar o tipo de fenômeno que será abordado neste estudo.

Cresci com meu irmão surdo em um ambiente bidialetal e bilíngue. Era um ambiente bidialetal no sentido de que fazíamos uso de um dialeto da comunicação com meus pais e os seus amigos e de um outro dialeto com nossos amigos na comunidade surda<sup>3</sup>. Por exemplo, tínhamos conhecimento de como utilizar algumas variantes diferentes ao nos comunicarmos com os surdos da mesma faixa etária dos nossos pais e outras variantes com a comunidade surda, num grupo social da mesma faixa etária que nós. Essa situação ilustra a coexistência de diferentes variáveis no uso diário da Libras, e variantes em competição constituem um pré-requisito para a mudança linguística.

Era também um ambiente bilíngue no sentido de que, além da existência da Libras, na nossa comunicação, havia outra língua falada, a Língua Portuguesa na modalidade escrita. Neste ambiente, uma situação marcante da minha vida ocorreu por volta dos doze anos de idade quando comecei a distinguir a relação entre duas línguas de diferentes modalidades: Libras e Português. Essa constatação se deu na ocasião em

---

<sup>3</sup>Estou me referindo a “dialeto” neste parágrafo de maneira não técnica, apenas para destacar diferenças claras observadas entre a variante falada pelos meus pais e outros ex-alunos do INES e a variante mais comum entre os usuários de Libras na comunidade surda. Na verdade, ainda não existem estudos dialetológicos sobre a Libras no Brasil.

que meu pai pediu para eu traduzir um texto, pausadamente, em português sinalizado, ou seja, português traduzido palavra por palavra para os sinais. Ora olhando para o texto, ora para meu pai, executei a transmissão do texto que não foi compreendido pelo meu pai. Tentei novamente, porém, diretamente em Libras, tornando a explicação clara para ele. Neste momento, percebi que não era apropriado misturar as duas línguas ao mesmo tempo e que há diferença entre português sinalizado e a própria Libras.

Outra situação curiosa que significou muito para mim e serviu como um grande incentivo para realizar esta pesquisa sociolinguística em relação aos estudos da evolução da Libras é esta descrita a seguir.

Normalmente converso com meu pai em casa, utilizando os sinais frequentes, isto é, os sinais da variedade mais comum utilizada pela maioria da comunidade surda. Uma vez, em uma associação de surdos – a Associação de Surdos do Rio de Janeiro (ASURJ)<sup>4</sup> – percebi alguns sinais desconhecidos durante uma conversa com meu pai e um de seus amigos surdos idosos, ex-aluno do INES. Ao retornar para casa, perguntei por curiosidade a meu pai sobre aqueles sinais desconhecidos e ele disse que eram sinais do INES. Fiquei fascinada!

Ao mesmo tempo, surgiu a questão: E se não houvesse a presença desses surdos idosos na comunidade surda de hoje? Não apenas esses sinais se tornariam arcaicos, como também entrariam para o esquecimento pela falta de registros<sup>5</sup>. Situações como essa despertaram meu interesse pelo estudo do processo de variação e mudança na Libras e, em particular, pelo levantamento dos sinais que permaneceram idênticos ao longo do tempo, bem como dos que sofreram mudança fonológica e lexical. Uma pesquisa com esse foco será relevante não apenas para o nosso conhecimento histórico sobre a Libras, mas também como uma forma de preservação da (além de uma homenagem à) língua utilizada por surdos idosos.

Como hoje sabemos, a Libras é uma língua humana, assim como as outras línguas faladas, que contém a sua própria estrutura linguística, embora de modalidade diferente. Como toda língua humana, a Libras

---

<sup>4</sup>Associação de Surdos do Rio de Janeiro (ASURJ), situada na capital do Rio de Janeiro, fundada em 25 de março de 1954, com o objetivo de reunir as pessoas surdas por meio de lazer e esporte.

<sup>5</sup>Em respeito à falta de registros da Libras, vale destacar que a Libras sequer era considerada língua, além do fato de ser uma língua sem escrita consolidada. Por esses motivos, ninguém se preocupou em registrar a língua, muito menos em entender processos de variação e mudança. Cabe ainda destacar que a tecnologia de gravação em vídeos, que permite o registro da língua sem necessidade de mediação da escrita, é bastante recente.

passa pelo processo contínuo e gradual de variação e mudança, seja por motivações internas, seja por contato com outras línguas, como a Língua Portuguesa. Esta pesquisa focaliza a mudança através da análise de três documentos históricos, isto é, dicionários de sinais produzidos em diferentes períodos e lugares. Assim, resgatamos parte da história da Libras para que seja reconhecida e divulgada à comunidade social e científica.

## 1.2. A Proposta da Pesquisa

Sabemos que os estudos sobre a história da Libras ainda são raros (ver, por exemplo, Campello, 2008 e 2009<sup>6</sup>). Refletindo sobre como esta pesquisa seria realizada, então, iniciei buscando alguns registros históricos que documentassem os sinais, especificamente os dicionários de sinais no Brasil<sup>7</sup>.

Na busca dos dicionários de sinais, foram escolhidos três dicionários que abrangem o vocabulário de sinais, com desenhos ilustrados, fotos e vídeos: primeiro, o dicionário denominado *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, de 1875; segundo, o dicionário *Linguagem das Mãos*, de 1969; e, terceiro, o *Dicionário Digital da Libras* do INES, de 2006. Observa-se que a diferença do tempo de anos da produção destes dicionários é de longas décadas entre si. Os dois primeiros dicionários foram escolhidos para a realização desta pesquisa por serem os primeiros do Brasil, não havendo outros dicionários publicados entre estes dois primeiros até onde sabemos. No caso do terceiro, embora haja outros dicionários de sinais produzidos no Brasil em tempos mais recentes, selecionamos o *Dicionário Digital da Libras*, principalmente por ser do meu interesse nos estudos da influência do INES na Libras.

A *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* envolve uma representação de sinais por meio de imagens no livro, por meio de ilustrações. Esta *Iconographia* é uma reprodução fiel de um outro documento, a *Iconographia da Língua de Sinais Francesa* (LSF), escrita

---

<sup>6</sup>Campello (2008 e 2009) faz um estudo com foco mais historiográfico sobre a história da Libras, e encerra o trabalho com alguns exemplos ilustrativos de possíveis mudanças nos sinais da Libras. No presente trabalho, diferentemente, a parte historiográfica está em segundo plano, e o foco está na análise sistemática da mudança nos sinais a partir da comparação entre três dicionários.

<sup>7</sup>Inicialmente, meu intuito era o de comparar o registro de sinais em documentos históricos com os sinais utilizados por surdos idosos ainda vivos. Contudo, as dificuldades de análise dos dicionários ganharam tamanha dimensão ao longo da pesquisa que o estudo da variante vernacular utilizada por surdos idosos acabou sendo deixada para pesquisas futuras.

em francês, pelo ex-aluno do INES, Flausino José da Gama, na época da diretoria de Sr. Tobias Leite no INES em 1875. É uma cópia idêntica da mesma exposta na Biblioteca e Acervo do INES, enquanto a original está na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Até o presente momento, com a carência de estudos históricos sobre a Libras, este é o primeiro documento a fazer algum tipo de descrição ou referência à Libras falada em séculos passados.

O livro *Linguagem das Mãos*, que ainda pode ser encontrado em livrarias, foi um dicionário produzido pelo padre Eugenio Oates, missionário americano da Congregação Redentorista que trabalhou com surdos em várias regiões brasileiras. Este dicionário envolveu uma consulta a surdos e professores de surdos, em 1969, e seu objetivo era o de ajudar os surdos a terem bom entrosamento na vida social, educacional e religiosa, melhorando a comunicação com os ouvintes.

O *Dicionário Digital da Libras*, em CD-ROM, foi produzido por uma equipe de profissionais surdos e ouvintes, já com um olhar mais linguístico, em uma época em que a Libras passa a ser mais reconhecida como língua que precisa ser documentada e estudada. O dicionário está disponível on-line, na página oficial do INES, além de ser distribuído gratuitamente na versão CD-ROM em parceria com o MEC.

Diante destes três importantes dicionários, meu objetivo foi o de realizar o levantamento, a descrição e a análise comparativa dos sinais da Libras, classificando os sinais em três categorias: os que permanecem idênticos até os dias de hoje, os que sofreram mudança fonológica em algum de seus parâmetros, e os que sofreram mudança lexical, isto é, sinais que teriam sido substituídos por formas inovadoras. Com a descrição e as análises feitas, procuro então identificar os tipos de mudanças fonológicas e lexicais observadas e as restrições fonológicas em operação, além de refletir sobre alguns fatores sociais que podem ter sido relevantes neste processo de mudança dos sinais ao longo dos tempos.

### 1.3. Contribuições e Limitações do Estudo

Com os resultados da análise comparativa dos sinais dos três dicionários e da discussão sobre o processo de mudança na Libras, podemos concluir que a Libras também passou por um processo de mudança linguística quando consideramos essas três épocas distintas. Essa análise também nos permite entender melhor o funcionamento da estrutura linguística da Libras.

Como já afirmado, na análise comparativa dos sinais, foi analisado o processo da mudança através de três categorias: sinais que permaneceram idênticos, sinais que mudaram fonologicamente e sinais que foram substituídos por formas inovadoras, a mudança lexical. Dessas três categorias, a grande maioria dos sinais se encontra no segundo grupo, isto é, de sinais que sofreram mudança fonológica. Com estes sinais modificados, foram identificados os tipos de tendência da mudança a partir dos estudos do processo da mudança histórica da Língua de Sinais Americana (ASL), estudados por Frishberg (1975 e 1979), Battison (1974), Klima e Bellugi (1979), Wilcox (2004). Estes tipos identificados nos permitem entender como se dá o processo da mudança de alguns sinais, que inicialmente envolvem um alto grau da iconicidade, e com o tempo podem se transformar em sinais mais arbitrários. Essa análise revela os chamados fatores internos da mudança, tais como o conforto linguístico na articulação das mãos e do corpo, a acuidade visual no espaço da sinalização e as restrições fonológicas das línguas de sinais.

É possível que a mudança observada nos sinais descritos e analisados tenha sido influenciada por fatores socioculturais, como a questão das línguas em contato, do empréstimo linguístico, do bilinguismo, do preconceito linguístico e da influência da Língua Portuguesa na Libras. Essas questões foram abordadas principalmente na discussão dos dados, onde foram consideradas questões sociolinguísticas importantes, como a influência dos falantes ouvintes sobre a Libras, a influência da Língua Portuguesa na estrutura da Libras, a produção de dicionários da Libras a despeito do desconhecimento sobre o funcionamento linguístico das línguas de sinais, o preconceito social sobre a Libras, o contato contínuo dos falantes surdos com os ouvintes, além da insegurança linguística dos falantes surdos sobre a Libras. Todas estas questões servem para aprofundarmos a nossa reflexão a respeito da Libras e de como podemos estudá-la cientificamente.

Destacamos aqui as contribuições dessas descobertas para a academia e para a sociedade. Academicamente, estudos como este nos permitem ampliar o nosso conhecimento sobre a estrutura linguística da Libras e sobre o seu processo de mudança histórica, assim como nos permite contrastar o que ocorre com línguas orais e línguas de sinais em busca de uma teoria de variação e mudança independente da modalidade linguística.

Socialmente, destacamos também o modo como estudos dessa natureza contribuem para a valorização da Libras, que passa a ser

reconhecida em seus aspectos socioculturais, históricos, políticos e linguísticos. É fundamental desvendar os registros históricos sobre a Libras e a comunidade surda para mostrar à sociedade uma visão desta comunidade como um grupo social minoritário, oferecendo “...uma forma mais direta de levar à população o resgate de suas tradições e valores esquecidos do passado, buscando, assim, a sua própria identidade.” (Fernandes e Montenegro, 2001, p. 6).

Os resultados deste estudo, porém, devem ser avaliados com muita cautela, pois, como pesquisadores, precisamos colocar em questão a própria confiabilidade dos dados que nos servem de base (os três dicionários). Tais questões serão discutidas em maiores detalhes na seção de metodologia, mas cabe aqui destacar algumas limitações principais para que o leitor possa ter em perspectiva.

Primeiramente, dicionários são uma fonte histórica da Libras, porém não podemos dizer que os sinais que foram documentados nos dicionários antigos de fato eram utilizados pelos surdos do século XIX e da metade do século XX. Por quê? Os dicionários revelam uma forte influência do português na Libras, um desconhecimento de como a Libras funciona, e por isso exigem toda nossa cautela. Wilcox e Wilcox (2005), por exemplo, argumentam que mesmo os mais importantes educadores de surdos, como Thomas Gallaudet nos Estados Unidos, e o Abade de L’Epée na França, reconheciam a língua natural dos surdos, mas insistiam no ensino do inglês ou francês sinalizado<sup>8</sup>, por não se darem conta de que a língua de sinais era uma língua independente da língua oral, com sua própria gramática.

Em segundo lugar, os dicionários são limitados também na descrição dos sinais, por isso na maioria das vezes é muito difícil recuperar os detalhes da articulação (especialmente movimentos) e as nuances de seu significado, já que eles apresentam sempre uma única palavra do Português associada a cada sinal. Isso porque as pessoas que elaboraram esses dicionários não eram lexicógrafos e fizeram o dicionário de maneira bastante intuitiva, por exemplo, acreditando que a palavra do Português reflete o significado preciso do sinal, e não uma de suas possíveis traduções.

Considerando essas “limitações”, podemos concluir com uma analogia: os dicionários da Libras aqui estudados são como um pequeno osso fóssil de dinossauro, que por ser muito antigo encontra-se em

---

<sup>8</sup> Estou empregando o termo “inglês sinalizado” e “francês sinalizado” para me referir ao uso de sinais que obedece à estrutura da língua oral. Essa foi uma prática usual até mesmo entre os educadores que reconheciam a importância da comunicação sinalizada com as pessoas surdas.

estado deteriorado, tornando difícil a reconstrução do dinossauro como um todo. Isso não significa que os dicionários não devem ser valorizados. Pelo contrário, eles são uma das raras evidências para a história da Libras, e é a partir dessa pequena evidência que nós poderemos começar a reconstruir como a Libras era antigamente e como ela se modificou até hoje.

#### 1.4. Conclusão

Nesta dissertação, iniciei a discussão narrando algumas experiências vividas por mim em minha família que acabaram me influenciando como pesquisadora, despertando-me para o estudo do processo de variação e mudança na Libras. Além dessa motivação pessoal, procurei justificar a pesquisa também em termos da importância que ela tem para a valorização social da Libras e para a ampliação do conhecimento científico sobre a Libras e sobre o fenômeno de variação e mudança nas línguas naturais. Ao final, procurei também destacar algumas limitações do estudo que o leitor deve ter em mente ao se deparar com este trabalho.

No segundo capítulo, abordaremos os estudos teóricos linguísticos que fundamentam esta pesquisa, abordando questões tais como história da evolução da Libras, reflexões teóricas sobre o conceito de mudança linguística e seus fatores internos e externos, a situação sociolinguística da Libras e as características do processo da mudança fonológica e lexical em línguas de sinais.

O terceiro capítulo enfoca a metodologia da pesquisa, explorando os três dicionários de sinais estudados e elaborando as etapas de levantamento, descrição e a análise comparativa dos sinais, classificando-os em três categorias: os sinais idênticos, os sinais em mudança fonológica e os sinais que sofreram mudança lexical. Nesse processo, são identificados os obstáculos para a análise comparativa, a partir do qual elaboramos critérios, procedimentos metodológicos e soluções para minimizar estes problemas.

O quarto capítulo envolve efetivamente a análise comparativa dos dados nas três categorias de sinais acima mencionados. Discute-se em maiores detalhes uma destas três categorias: os sinais em mudança fonológica, apresentando as principais tendências de mudança da Libras e discussões a respeito da influência de fatores externos à língua também são considerados.

A dissertação se encerra com uma conclusão que resume os principais pontos discutidos ao longo da pesquisa e retoma algumas de suas principais contribuições e limitações.

## 2. Fundamentação Teórica

### 2.1. Introdução

Diferentemente da atitude que os falantes tendem a assumir diante da língua, o objetivo principal do linguista é o de descrever e explicar os fenômenos linguísticos, sem qualquer postura prescritiva. Dentro desse objetivo, são cinco os principais objetos teóricos identificados pela ciência da linguagem nos séculos XIX e XX: a *langue* (língua), a competência, a variação, a mudança e o uso, em seus diferentes níveis (Fiorin, 2006, p.8). Nesta pesquisa, o principal objeto teórico em estudo será a *mudança*, que será investigada por meio da descrição e análise comparativa de aspectos fonológicos e lexicais da Libras numa perspectiva diacrônica.

O presente capítulo tem como objetivo apresentar a fundamentação teórica deste trabalho. A seção 2.2. mostra a história da evolução da Libras no Brasil, a partir da fundação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). A seção 2.3. discute criticamente algumas visões equivocadas e/ou estereotipadas sobre as línguas de sinais, a fim de que o estatuto linguístico pleno dessas línguas seja reconhecido e, conseqüentemente, que a relevância de um estudo sobre variação e mudança na Libras seja melhor apreciada. A seção 2.4. expõe resumidamente as características básicas da fonologia e da morfologia das línguas de sinais, e, dando continuidade a esse tema, a seção 2.5. discute alguns processos fonológicos e lexicais presentes em línguas orais e línguas de sinais que serão particularmente relevantes para este estudo. Por fim, a seção 2.6. aborda os fenômenos da variação e mudança linguística com enfoque mais teórico, trazendo algumas das principais referências no campo da linguística histórica e da sociolinguística e discutindo algumas relações dos fenômenos estudados nesses campos com o estudo das línguas de sinais. O objetivo do capítulo é o de oferecer ao leitor a base teórica para a compreensão das análises que serão apresentadas no capítulo 4.

### 2.2. História da Evolução da Libras

Hoje em dia, temos a Libras como uma língua cada vez mais reconhecida pela sociedade, na legislação, nas escolas, nas universidades, entre outros setores. Esse reconhecimento da Libras nos faz questionar: de onde veio essa língua? Como ela evoluiu para chegar

à forma que temos hoje? A Libras também está envolvida no processo de variação e mudança linguística?

A presente pesquisa demonstra que os sinais também passam por mudanças fonológicas e lexicais ao longo do tempo. Ao iniciar a pesquisa sobre mudança da Libras, pretendo narrar a história da evolução da mesma no Brasil sob ordem cronológica, estabelecendo os fatos relacionados com o INES e os dicionários de sinais.

Nesta história da evolução da língua de sinais, relatamos que a Libras evoluiu no século XIX, através de registros históricos e entrou em contato com a Língua de Sinais Francesa (LSF) nas mãos do professor surdo francês E. Huet. Ele veio ao Rio de Janeiro em 1855 com a intenção de fundar uma escola para surdos e, com o apoio do Imperador D. Pedro II, fundou o Instituto Imperial de Surdos-Mudos em 1857, o atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) na capital do Rio de Janeiro.

Vinte anos mais tarde, em 1875, surgiu a *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, a reprodução do dicionário da LSF – um dicionário de sinais para facilitar a comunicação entre alunos surdos e professores ouvintes do INES. Possivelmente alguns sinais desta *Iconographia* foram encaixados na língua de sinais presente nesta comunidade escolar. Porém, esta liberdade de expressar a língua de sinais não durou muito. Foi divulgada a decisão final sobre a língua de sinais na educação escolar que chocou todas as comunidades surdas dos países do mundo. Esta decisão refere-se à rejeição das línguas de sinais nas escolas de surdos, focalizando apenas a língua oral, e foi tomada durante o Congresso Internacional de Educação de Surdo, em Milão em 1880, cujo objetivo era discutir a qualidade da Educação de Surdos e a escolha do método mais adequado no ensino. Foi votado o método oral, considerado superior ao método de sinais. O método oral chegou a ser implantado obrigatoriamente no INES, ignorando quase três décadas do uso de língua de sinais, seguindo a mesma exigência em todas as escolas de surdos dos países (INES, 2007).

Em razão disso, a Libras passou a ser desvalorizada e desprezada pela sociedade e a educação. Porém, isso não significa que a Libras “morreu”. No INES, os alunos surdos passaram a se comunicar de forma escondida nos refeitórios e dormitórios. Em anos posteriores, esta língua de sinais, mesmo praticada escondida, já estaria formada com um sistema linguístico. Então foi difundida pelo Brasil, já que os alunos do INES eram oriundos de outros estados brasileiros, além do Rio de Janeiro, e, quando voltavam para suas casas, levavam a língua de sinais adquirida (INES, 2007).

Na história da evolução dos sujeitos surdos no mundo, que foi ignorada durante muitos anos pela sociedade, os surdos eram considerados como inferiores e inaptos por não terem um dos sentidos: a audição (Supalla, 2008). Mostramos que esta ignorância também afeta a educação escolar e os alunos surdos, referindo as implicações sobre a língua de sinais e a aprendizagem baseada em outra língua de modalidade oral, onde os alunos surdos eram “forçados” a aprender a falar, através do método oral; ser pessoa “normal” como as pessoas ouvintes.

Nesse caso, a Libras sempre demonstrou a resistência e a valorização linguística que permanece até os dias de hoje e mostra ser “viva”. Neste aspecto da resistência linguística, a Libras sempre sofreu o preconceito e houve a “proibição” do uso desta língua de sinais no INES, na educação para surdos, através da filosofia oralista no final do século XIX, por causa do congresso realizado em Milão e a forte pressão de ser considerada uma língua “inferior”.

Por volta de década de 1980, retornou o foco da importância da Libras no ensino graças a pesquisas linguísticas e pedagógicas. Na década de 1990, em função da necessidade de melhorar a qualidade do ensino na sala de aula do INES, surgiu a profissão de monitor surdo para ser mediador na transmissão e no processo de ensino-aprendizagem entre professor ouvinte e alunos surdos.

No início do século XXI houve uma vitória da comunidade surda do Brasil, das associações de surdos e da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS)<sup>9</sup>, em sua luta pela valorização da língua de sinais com a Lei nº 10.436/02. Em seguida, foi intensificada sua importância na área da educação, pelo Decreto nº 5.626/05, regulamentando a Libras.

Esta história da evolução da Libras é muito interessante e é indispensável ser recuperada para registrar na história da evolução dos sujeitos surdos no Brasil. Podemos dizer que houve barreira no desenvolvimento da Libras no Brasil, devido à rejeição da mesma no INES. Neste ponto de vista, a Libras permaneceu tanto escondida quanto exposta, no ambiente escolar e social.

Pela observação desta evolução da Libras, é provável que o desenvolvimento da estrutura linguística da mesma tenha se tornado relativamente estável e resistente na comunicação visual nas

---

<sup>9</sup> Federação Nacional de Integração e Educação de Surdos (FENEIS), fundada em 1987 com a intenção de oferecer assistência à clientela surda quanto a trabalho, educação, entre outros. Localizada na capital do Rio de Janeiro, atualmente possui 16 filiais por todo o Brasil. Para maiores informações, veja no site [www.feneis.org.br](http://www.feneis.org.br).

comunidades surdas, graças ao INES e a um dos documentos históricos, a *Iconographia*. Estas comunidades surdas eram formadas geralmente pelos ex-alunos do INES, que fundaram as associações de surdos no Rio de Janeiro e em outros estados brasileiros, com encontros semanais nos lugares públicos, e outras estratégias.

Retornando ao assunto sobre a presença de *Iconographia* no INES, presumimos que é possível que houvesse interferência da LSF na Libras, misturando alguns sinais na comunicação das pessoas surdas deste instituto. Segue-se a suposição geral de que alguns alunos deste instituto utilizavam alguns sinais da LSF na comunicação com outros colegas e professores, inclusive o Huet, de acordo com a necessidade de produzir seus discursos junto com outros sinais já existentes no INES.

Vimos que as línguas de sinais não desapareceram, escapando das barreiras sociais e linguísticas, e hoje são consideradas como línguas humanas e naturais. Mais fortalecidas, apesar das consequências durante a evolução da língua de sinais nas comunidades surdas dos países, como as pesquisas linguísticas tardias, a carência de dicionários e o preconceito linguístico, entre outros fatores.

Podemos presumir que ocorreram, nesta evolução, fenômenos linguísticos como a mudança no decorrer dos anos até os dias de hoje. Como e quando começou a ocorrer esta mudança na língua de sinais? Que tipo de tendências se verifica na mudança dos sinais? Quais os sinais que permanecem idênticos até os dias atuais? E os caminhos que os sinais percorreram na mudança fonológica e lexical? São estas questões que pretendo responder nesta pesquisa com maior interesse e compromisso para a comunidade surda.

É uma curiosidade saber a idade da Libras, ou seja, o espaço de tempo da existência da mesma no Brasil. Podemos dizer que atualmente a Libras tem no mínimo cento e cinquenta anos, a partir da existência da comunidade surda do INES desde a sua fundação em 1857. Por não encontrar registros históricos sobre a Libras no século dezanove, podemos supor que havia o uso de língua de sinais mesmo antes dessa época, tendo evoluído a sua estrutura linguística a partir daí. E somente depois de duas décadas surgiu o primeiro registro em papel na forma de dicionário, a *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* em 1875.

Enfim, é essa a Libras, a língua de sinais no Brasil, além da ASL e LSF, como são as outras línguas de sinais de países do mundo. Algumas sendo respeitadas, valorizadas, fortalecidas, divulgadas pelas

comunidades surdas e associações de surdos filiadas à Federação Mundial de Surdos/FMS.<sup>10</sup>

Além da existência e registro da língua de sinais no Brasil, há ainda poucos estudos linguísticos sobre a origem das línguas de sinais nos países do mundo para dar continuidade ao trabalho de tipologia das línguas de sinais, de acordo com as pesquisas da Zeshan (2008), para formar as famílias das línguas de sinais.

É fundamental tomar conhecimento da existência da relação entre as línguas de sinais de três países, a França, o Brasil e os Estados Unidos. As Línguas de Sinais Brasileira e Americana foram desenvolvidas em fluxo com a LSF, levadas pelos dois professores surdos, E. Huet e Laurent Clerc, ex-alunos do Instituto de Jovens Surdos-Mudos em Paris, para aqueles países, com a intenção de criar as escolas de surdos na América. Estes contatos das línguas de sinais se propagaram, independentemente do espaço geográfico, como nas línguas orais que geralmente se originam na língua de um país quando é tomada de posse pelo outro país na fronteira. Há a possibilidade que as línguas de sinais em contato, quando se encontraram, sofreram a influência dos fenômenos linguísticos. É essencial prosseguir nos estudos das línguas de sinais para construir a tipologia das línguas de sinais dos países do mundo (Zeshan, 2008).

Com respeito à influência da LSF na produção de sinais da Libras pela comunidade surda escolar no Brasil, isso é mostrado por um dos documentos registrados, a *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* de 1875. Desde então, difundiu-se a língua de sinais utilizada pela comunidade surda por todo o Brasil, conforme documentos históricos na Biblioteca e Acervo do INES nas décadas seguintes, até o reconhecimento legal da Libras como língua natural das pessoas surdas.

Após anos de estudos sociais e linguísticos, sabe-se que os sujeitos surdos têm sua língua de modalidade viso-espacial e sua identidade. Então, é meu grande desejo mostrar parte da história da evolução da língua de sinais, através da análise de dois dos níveis linguísticos: o fonológico e o lexical.

### 2.3. Desmitificando as Línguas de Sinais

---

<sup>10</sup> Federação Mundial de Surdos (FMS), em inglês World Federation of Deaf (WFD), é uma organização presidida pelos membros surdos, filiada na Organização das Nações Unidas (ONU), promovendo as metas de garantir a existência e a valorização das línguas de sinais nas comunidades surdas e seus direitos linguísticos, culturais, históricos, políticos e sociais. Mostra as línguas de sinais dos países do mundo por meio do padrão da nomenclatura como ASL, LSF e entre outros. Para saber mais, ver no [www.wfdeaf.org](http://www.wfdeaf.org).

Antes de partir para uma discussão sobre as características fonológicas e morfológicas das línguas de sinais, em contraste com as características das línguas orais, é necessário destacar a importância do aumento das pesquisas científicas sobre as línguas de sinais no sentido de desmitificar algumas ideias do senso comum a respeito das línguas de sinais que se apresentam como verdadeiros mitos populares. Repensar criticamente esses mitos é fundamental para que o estatuto linguístico da Libras seja plenamente reconhecido e para que o valor do *corpus* adotado e das análises desta pesquisa possam ser devidamente avaliados.

O primeiro mito é o de que haveria uma língua de sinais única e universal, usada por todas as pessoas surdas do mundo, o que é falso. Assim como as línguas faladas são expressas de maneiras distintas em países diferentes, o mesmo ocorre com as línguas de sinais. As pessoas surdas da China não podem entender ASL, praticada pelos surdos americanos, nem os surdos americanos entendem a Língua de Sinais Chinesa (Frishberg, 1975). Este falso conceito acontece possivelmente porque as pessoas enxergam as línguas de sinais, como é o caso da Libras, como o conjunto de gestos e mímica, isto é, uma forma de linguagem corporal universal.

Em respeito à gestualidade, alguns estudos científicos têm mostrado que as línguas de sinais, embora utilizem o gesto para a sua constituição, não podem ser consideradas equivalentes à linguagem corporal (Klima e Bellugi, 1979; Wilcox, 2004). Klima e Bellugi (1979) demonstram que o processo de criação de sinais da ASL a partir de gestos e mímicas modifica as características da linguagem corporal em pelo menos dois aspectos distintos: recortando um pequeno pedaço de longas cadeias gestuais utilizadas na representação de certos sentidos (ex. uma mímica feita para representação de uma camisa de força) para a representação linguística do conceito, tornando a forma dos sinais altamente econômica; e modificando aspectos icônicos da produção gestual para se adequar às restrições fonológicas das línguas de sinais, levando os sinais em direção à arbitrariedade. Wilcox (2004) mostra ainda que a entrada de gestos nas línguas de sinais faz com que esses gestos sofram um processo de gramaticalização que modifica não apenas a sua forma, mas o seu sentido, podendo se desenvolver em categorias gramaticais abstratas, como, por exemplo, os modais.

O segundo mito é o de que as línguas de sinais praticadas pela comunidade surda seriam apenas uma representação manual das línguas orais, e, portanto, subordinadas a elas. Dentro dessa visão, a Libras

envolveria apenas um conjunto de sinais que deveriam ser produzidos de acordo com a estrutura linear da Língua Portuguesa (Frishberg, 1975). Este outro mito é reforçado pela situação social em que as pessoas surdas vivem, pois quando as pessoas ouvintes tentam se comunicar em Libras com surdos, é comum que elas utilizem os sinais nas frases na ordem das palavras do Português, e sempre associando os sinais às palavras do Português no seu sentido literal. Tal prática é inadequada, pois as duas línguas constituem sistemas independentes, apresentando estruturas linguísticas próprias, além de apresentarem características gramaticais bastante distintas por serem línguas de modalidades diferentes. É importante manter em mente o fato de que, quando duas pessoas que não compartilham a Libras interagem, é possível que um sistema auxiliar ou uma língua de contato emergja, uma espécie de *pidgin* sinalizado, o que não deve ser confundido com a Libras.

O terceiro mito é o de que as línguas de sinais seriam um tipo de pantomima, um conjunto de movimentos das mãos e do corpo somente capaz de expressar conceitos concretos (Frishberg, 1975). Essa visão decorre, em parte, do fato de as línguas de sinais são compostas por alguns sinais icônicos que estabelecem diferentes relação visuais-espaciais entre si. Nas análises de Frishberg (1975 e 1979), porém, argumenta-se que as línguas de sinais constituem um sistema linguístico que envolve tanto conceitos abstratos quanto signos arbitrários, independentemente de sua iconicidade. Estes pesquisadores demonstram que fatores linguísticos e sociolinguísticos influenciam a transformação de alguns sinais ao longo do tempo, que passam de um alto grau de iconicidade para um grau maior de arbitrariedade no processo da mudança histórica da ASL.

A noção da iconicidade também está presente nas pesquisas das línguas orais, que tratam a iconicidade como uma relação de semelhança/similaridade entre a forma (o código linguístico) e seu significado em diferentes níveis da estrutura linguística (fonologia, morfologia e léxico, sintaxe e discurso). Um exemplo seriam as onomatopeias, palavras que imitam a estrutura sonora das coisas do mundo, como o “tique-taque” (i.e. som de um relógio funcionando). Uma forma de resolver teoricamente a tensão entre arbitrariedade e iconicidade nas línguas humanas é reconhecendo que em ambos os casos a construção do signo sempre dependerá fundamentalmente da *convenção* social. Para Saussure, signos linguísticos que não são motivados (arbitrários) são convencionais, pois são o resultado de um acordo implícito realizado entre os falantes de uma comunidade. Ora, o

mesmo se observa nos signos icônicos, que também são convencionalmente estabelecidos por diferentes grupos sociais e que por esse mesmo motivo variam, por exemplo, de país para país (Viotti, 2006). Na Libras, por exemplo, o sinal ÁRVORE é representado pela copa, pelo tronco e pela terra, enquanto na Língua de Sinais Chinesa (CSL) esse conceito é representado por apenas uma parte da coisa, ou seja, o tronco da árvore, como mostra a Figura 1 abaixo.



ÁRVORE na Libras



ÁRVORE em CSL

Figura 1: O sinal ÁRVORE, de cada língua de sinais

Além disso, embora Saussure afirme que a essência da língua seja a arbitrariedade, olhando para a língua em uma perspectiva diacrônica percebemos o papel crucial da motivação e da iconicidade na formação de novas palavras e construções, pois ao longo da história da língua grande parte das mudanças podem ser explicadas por meio de motivações que com o tempo acabam se perdendo (Fiorin, 2006). Na seção que trata da mudança linguística nas línguas de sinais, veremos como o estudo histórico das línguas de sinais demonstra esse mesmo tipo de desenvolvimento: uma gradual perda de iconicidade dos signos ao longo do tempo, o que os torna cada vez mais arbitrários apesar de sua motivação original.

Esclarecidos alguns mitos em relação às línguas de sinais, passaremos a discutir na seção a seguir os dois primeiros níveis de análise linguística, a fonologia e a morfologia, tal como eles se apresentam nas línguas de sinais. Ambos os níveis de análise são relevantes para esta pesquisa: o de fonologia, por constituir o foco da presente pesquisa, e o de morfologia, pelo fato de fenômenos como a composição envolverem processos fonológicos que também podem ser observados no desenvolvimento histórico da Libras, o que torna esses dois domínios relevantes para a descrição e análise comparativa dos sinais no processo da mudança diacrônica na Libras.

## 2.4. Fonologia e Morfologia nas Línguas de Sinais

Nesta seção, apresentamos algumas características da constituição da Libras em seus aspectos fonológicos e morfológicos. Entendemos que, no funcionamento do sistema linguístico da Língua Portuguesa, a produção de palavras é realizada por meio do aparelho fonador, estabelecendo uma forma de comunicação oral-auditiva. No caso da Libras, diferentemente, a produção dos sinais é realizada por meio do aparelho articulatório principalmente das mãos, estabelecendo uma forma de comunicação gestual-visual.

Sabemos que as línguas orais são expressas por palavras que envolvem dois “lados”: a forma, caracterizada pela imagem acústica, e o significado. Por exemplo, uma palavra *gato* tem uma forma falada (representada em transcrição fonética como [gatu]) e um significado (o conceito de um animal mamífero do grupo dos felinos). O estudo da forma das palavras, no que diz respeito às unidades mínimas sem significados que permitem a distinção de palavras (os fonemas), entra no campo de estudos da *fonologia*. Já o estudo da morfologia envolve o estudo da estrutura das palavras em termos de unidades mínimas com significado (os morfemas), utilizados para formação de novas palavras com conteúdo lexical ou gramatical e para a marcação de classes de palavras. Vamos então considerar com maior atenção como a fonologia e a morfologia (em particular, no processo de composição) se expressam na Libras.

A produção de informações, ou seja, os sinais nas línguas de sinais é realizada pelos articulatórios primários, as mãos, que se movimentam no espaço da sinalização em frente do corpo. Há outros pontos articulatórios secundários, que envolvem movimentos da cabeça, dos ombros e do tronco do falante, acompanhados das expressões faciais (Karnopp, 2007). A articulação primária, geralmente, é responsável pelas informações lexicais, enquanto os articuladores secundários fornecem as informações gramaticais e discursivas (Viotti, 2006).

Fazendo um paralelo com o exemplo da palavra “gato”, do Português, mostramos a seguir como é produzido um sinal GAT@<sup>11</sup> na Libras, na Figura 2. Este sinal tem a forma produzida pela articulação da

---

<sup>11</sup> Devido à ausência de uma escrita de sinais, os sinais aqui apresentados serão representados graficamente por glosas, em letras maiúsculas. O elemento “@” é empregado para designar a ausência de gênero na Libras, diferentemente do que ocorre com a palavra “gato” do português.

mão diante do rosto, e seu significado é similar ao da palavra “gato”, do Português.

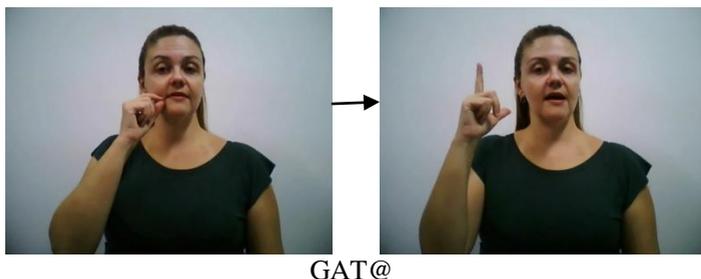


Figura 2: A forma manual das palavras na Libras

Em respeito à constituição fonológica dos sinais, então, as pesquisas de Stokoe, no início dos anos 60, apontam que a estrutura interna dos sinais deve ser analisada com base em três parâmetros fonológicos: a configuração de mão, a locação e o movimento. Anos depois, os pesquisadores da ASL acrescentaram um quarto parâmetro, a orientação da palma da mão (Wilcox e Wilcox, 2005).

Nas línguas de sinais, nem todas as informações ou os sinais são transmitidos somente pelos articulatórios primários, ou seja, as mãos, e também o rosto, como já foi mostrado antes. Além de alguns sinais expressos somente no rosto, há as expressões faciais, as posturas corporais e outros gestos não-manuais que fazem parte dos pontos articulatórios secundários pelo qual se expressam as informações gramaticais como os tipos de sentenças: afirmativas, interrogativas, negativas, relativas, condicionais. Não são somente as informações gramaticais, também são incluídas as adverbiais e as discursivas. São chamados, de modo geral, *sinais não-manuais* (Wilcox e Wilcox, 2005). Observamos que este sistema de sinais não-manuais apresenta o alto grau da complexidade, pois é transmitido de forma bastante ampla e abstrata na produção/recepção dos sinais no espaço da sinalização, que exige a maior concentração e captação dos falantes de Libras em segunda língua. Enfim, este sistema de sinais não-manuais não é analisado nesta pesquisa, que focaliza somente os quatro parâmetros fonológicos. Vejamos o exemplo do sinal SORRIR, conforme a Figura 3 abaixo:



### SORRIR

Figura 3: O sinal e seus parâmetros fonológicos

Neste sinal SORRIR, observamos a presença dos quatro parâmetros fonológicos acima mencionados: configuração de mão, locação, orientação da palma e movimento. Cada parâmetro é realizado simultaneamente aos demais parâmetros, produzindo o sinal. O primeiro parâmetro, a configuração de mão (CM), envolve as características articatórias dos dedos das mãos, neste caso com dedão e indicador estendidos e os demais dedos flexionados. O segundo parâmetro, a locação (L), envolve algum ponto de articulação no corpo ou no espaço de sinalização à frente do falante, neste caso o queixo.

O terceiro parâmetro, a orientação da palma (OP), envolve a direção para a qual a palma da mão aponta na produção do sinal, havendo seis tipos de orientações principais: para cima, para baixo, para dentro, para frente, para direita ou para esquerda (Quadros e Karnopp, 2004). O quarto parâmetro, o movimento (MOV), pode envolver diferentes tipos de dinâmica dos sinais: a direcionalidade (unidirecional, bidirecional ou multidirecional), a maneira (qualidade, tensão e velocidade do movimento) e a frequência (número de repetições de um movimento). No caso do sinal SORRIR, observamos que a palma da mão está voltada para dentro, e o movimento é feito por meio de um giro do pulso, repetido duas vezes. Neste sinal, é complementado o sinal não-manual, a expressão facial, que aparece presente na formação fonológica de alguns sinais, como é o caso de FELIZ, GORD@, entre outros. No caso do sinal SORRIR, a expressão facial não é obrigatória, mas o sinal pode ser produzido com a expressão de contentamento, como visto na Figura 3. Assim, podemos concluir que o sinal SORRIR é produzido com apenas uma mão ativa, que pode ser tanto com a mão direita quanto com a esquerda, dependendo do sinalizante. O sinal é composto por parâmetros fonológicos que envolvem diversas articulações do corpo, todas produzidas simultaneamente.

Nos estudos fonológicos, a forma tradicional de identificação de fonemas envolve o contraste de palavras através de pares mínimos. Podemos utilizar como exemplo o par “gato x pato”, no Português, que permite a apreensão de [p] e [g] como fonemas com valor no sistema fonológico da Língua Portuguesa. Esse contraste mínimo entre as duas palavras em termos de som se reflete na distinção entre as duas palavras, “gato” e “pato”.

O método de análise em pares mínimos se aplica também na Libras, o que pode ser observado a partir dos exemplos da Figura 4 abaixo.



Figura 4: Exemplos de três pares mínimos em Libras

No par de sinais QUEIJO e VELH@, observamos que a única diferença é a CM, que no primeiro sinal envolve a configuração em L e no segundo sinal, a configuração em S, ambas configurações provenientes do alfabeto manual. No segundo par, DESCULPAR e AZAR, observamos que a única diferença está no parâmetro L, que no primeiro sinal envolve o queixo e no segundo sinal, o nariz. Por fim, no terceiro par, MENTIR e FRIO, observamos que a única diferença está no parâmetro MOV, que no primeiro sinal envolve um deslocamento da

direita para a esquerda, enquanto no segundo sinal o movimento é feito em direção à boca, tocando-a duas vezes.

Os sinais acima apresentados são realizados com apenas uma das mãos envolvida na realização dos sinais, o que pode ser feito com a mão em contato com o corpo ou no espaço de sinalização. Quando duas mãos são envolvidas na sinalização, porém, restrições linguísticas mais fortes podem ser observadas. Battison (1974) propõe duas restrições básicas: a *condição de simetria* e a *condição de dominância*. Segundo a condição de simetria, sinais que envolvem duas mãos ativas devem apresentar CMs idênticas e MOV simétricos. Esses movimentos simétricos podem ser produzidos de forma simultânea ou de forma alternativa, conforme a Figura 5 abaixo:



VÍDEO

movimento simultâneo



TRABALHAR

movimento alternativo

Figura 5: Dois sinais de duas mãos simétricas

Segundo a condição de dominância, sinais de duas mãos que envolvem CMs distintas, apresentam uma relação de dominância entre as mãos, com uma das mãos com papel ativo, deslocando-se no espaço, e a outra mão com papel passivo, servindo como ponto de articulação sobre o qual a mão ativa age, conforme a Figura 6 abaixo:



VERDADE

Figura 6: O sinal referente à condição de dominância

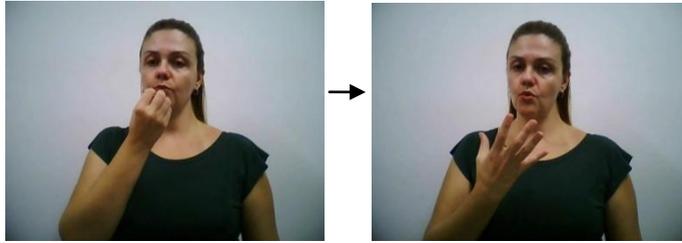
Este sinal VERDADE é produzido com duas mãos de duas CMs não-idênticas, do qual uma mão é ativa, cujas pontas dos dedos tocam duas vezes na palma da mão passiva com a CM aberta. Percebemos que a CM da mão passiva deste sinal é uma das CMs não-marcantes da mão passiva mais frequentes na produção de sinais de duas mãos com CMs não-idênticas na Libras. De acordo com Battison (1974), há seis CMs não-marcantes na ASL pois são subordinadas na posição estática à mão ativa, são elas: A – punho fechado, B – palma plana, 5 – palma com dedos estendidos, G – punho com dedo indicador estendido, C – mão em semi-círculo e O – ponta de dedos com polegar formando o círculo.

As restrições fonológicas na formação dos sinais, apontadas por Battison (1974), são fundamentais para o entendimento de algumas tendências observadas no processo da mudança das línguas de sinais, a ser discutido na seção seguinte.

Antes de iniciar a discussão sobre a morfologia dos sinais, um outro aspecto importante a ser considerado é o do papel da simultaneidade e da sequencialidade na fonologia das línguas de sinais. Sabemos que palavras e sinais são formados pela combinação de unidades menores, porém nos estudos pioneiros de Stokoe, nota-se uma diferença entre estas duas modalidades no modo como essas unidades são combinadas (Wilcox e Wilcox, 2005). Na língua falada, a palavra “gato” contém quatro fonemas combinados de modo sequencial: /g/, /a/, /t/ e /u/. No sinal GAT@, porém, como visto anteriormente, os parâmetros fonológicos são produzidos simultaneamente. Stokoe chegou a reconhecer que alguns sinais eram caracterizados por algum tipo de sequencialidade, porém ele acreditava que a essência da fonologia das línguas de sinais seria a operação simultânea dos parâmetros fonológicos (Wilcox e Wilcox, 2005).

O estudo de Liddell (1984) trouxe novas respostas para esta questão. Na segmentação dos sinais em unidades sequenciais, Liddell identifica dois tipos de segmentos: os *movimentos*, quando as mãos estão em atividade, e as *suspensões*, quando as mãos permanecem num mesmo local no espaço (Liddell, 1984). Liddell compara a segmentação de uma palavra à de um sinal, propondo a seguinte analogia: “nas línguas orais, as unidades são consoantes e vogais e nas línguas de sinais, são movimentos e suspensões” (Liddell, 1984, p. 372).

Um exemplo ilustrativo do papel da sequencialidade na constituição fonológica dos sinais é o sinal BOM, que aparece na Figura 7 abaixo:



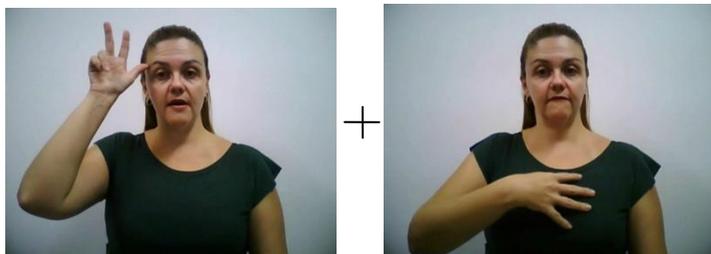
BOM

Figura 7: O sinal no modo sequencial

A análise do sinal BOM em termos simultâneos se mostra frágil, pois o sinal envolve duas CMs diferentes, em locais diferentes. Percebe-se que o sinal deve ser segmentado em unidades sequenciais, cada uma delas caracterizada por uma atividade distinta das mãos. As duas imagens apresentadas na Figura acima representam, respectivamente, a primeira e última suspensão do sinal. Cada suspensão pode ser caracterizada por um feixe de traços simultâneos, que envolve principalmente a CM, OP e LOC. Entre esses dois segmentos, então, identificamos um terceiro segmento, do tipo movimento, que estabelece o tipo de transição entre a primeira suspensão e a última. Neste caso, há uma abertura de todos os dedos das mãos, acompanhada de um movimento de afastamento para frente do rosto. Assim, o sinal BOM poderia ser descrito em termos de 3 segmentos sequenciais, análogos a uma estrutura CVC (i.e. consoante-vogal-consoante) nas línguas orais. Em vista disso, a sequencialidade não pode ser desprezada nas análises fonológicas nas línguas de sinais.

Essa discussão nos permite passar à outra questão que nos interessa, que trata dos processos fonológicos implicados na constituição de sinais por meio de composição (i.e. um processo de junção de dois ou mais sinais num único sinal, para atender às necessidades expressivas dos falantes). Nesse processo de composição, bastante comum nas línguas de sinais do mundo, Liddell (1984) observa que alguns segmentos dos sinais individuais são elididos, o que ajuda a conferir uma espécie de “unidade acentual” ao novo signo composto.

Essa análise, porém, só foi possível devido à identificação da importância da sequencialidade na constituição fonológica dos sinais. Um exemplo de sinal composto na Libras é CAVALO^LISTRADO (i.e. zebra, em português), conforme mostra a Figura 8 abaixo:



CAVALO^LISTRAD@

Figura 8: Sinal composto na Libras

A seção atual descreveu as características fonológicas e morfológicas, relativas particularmente ao processo de composição, nas línguas de sinais, evidenciando o estatuto linguístico da Libras. Na próxima seção, esse conhecimento será utilizado para a compreensão sobre o processo de mudança fonológica e lexical nas línguas de sinais, com destaque para alguns tipos de tendência de mudança fonológica nessas línguas.

### 2.5. Processos Fonológicos e Morfológicos

Nesta seção, apresentamos o processo de mudança linguística em línguas orais e em línguas de sinais, processo que pode atravessar diversos níveis linguísticos, mas que, no presente contexto, será estudado apenas no nível fonológico e morfológico. A discussão abaixo, que compara processos em línguas de modalidade distinta, revela que a mudança nas línguas de sinais apresentam processos ora peculiares de línguas visuais e espaciais, ora universais das línguas humanas em geral.

A mudança fonológica nas línguas orais é um dos mecanismos principais de mudança linguística, e envolve alterações na pronúncia de certos segmentos das palavras ou no número de unidades sonoras distintivas (Faraco, 2005). Neste processo, são identificados diferentes processos fonológicos: perda ou adição de fonemas, assimilação, dissimilação, duração e metátese (Gabas Jr., 2005; Weedwood, 2002). Somente serão tratados nesta pesquisa dois desses processos – a perda ou a adição de fonemas e a assimilação – tendo em vista a sua relevância em particular para a mudança fonológica nas línguas de sinais.

Na perda ou adição de fonemas, um fonema é perdido ou ganho como resultado da mudança. Veja o exemplo de Gabas Jr. (2005, p.82) sobre o ganho da vogal /e/ nas palavras do Português descendentes do

latim, quando essas se iniciavam com /s/ + consoante, conforme a Tabela 1.

<b>Latim</b>	<b>/s/ + consoante</b> → /e/	<b>Português</b>
<b>spon</b> su	→	<b>es</b> poso
<b>sch</b> ola	→	<b>es</b> cola

Tabela 1

A assimilação, diferentemente, envolve “um processo em que o som se torna semelhante em seu ponto ou modo de articulação, a um som vizinho” (Weedwood, 2002, p. 110). O exemplo da autora envolve mudanças observadas na passagem do Latim para o Português: o ditongo latino /aw/, com grafia “au”, transforma-se em algumas palavras em /ow/, com grafia “ou”. O motivo é o de que a semivogal /w/, mais fechada que a vogal /a/, traz esta vogal para mais perto de seu ponto e modo de articulação, aproximando-a da vogal /o/. Em outras palavras, a vogal central /a/ assimilou traços da vogal posterior /w/, tornando-se /o/, conforme mostra a Tabela 2:

<b>Latim</b>	<b>/aw/ →/ow/→/o/</b>	<b>Português</b>
<b>AURU</b>	→	<b>OURO</b>
<b>PAUCU</b>	→	<b>POUCO</b>
<b>LAURU</b>	→	<b>LOURO</b>

Tabela 2. Processo de assimilação na passagem do Latim para o Português

No campo de pesquisa das línguas de sinais, alguns estudos pioneiros sobre a mudança linguística contribuíram fundamentalmente para esta pesquisa (Battison, 1974; Frishberg, 1975 e 1979). Frishberg (1975), sobre o qual nos deteremos neste momento, aborda a mudança histórica na ASL e analisa as restrições que operam diacronicamente na formação de sinais, identificando algumas tendências principais de mudança: a) a simetria em sinais que envolvem duas mãos, b) o deslocamento dos sinais no espaço da sinalização, c) a passagem do conteúdo lexical do corpo para as mãos, e) a transformação de sinais múltiplos em sinais unitários, e f) a preservação morfológica de sinais (Frishberg, 1975 e 1979). A mudança fonológica nas línguas de sinais ocorre quando, em decorrência de algum processo fonológico, observa-

se alterações em algum dos parâmetros constitutivos do sinal, como as configurações de mãos, a locação, o movimento e a orientação da palma.

A tendência de os sinais se tornarem simétricos aparece em sinais realizados com as duas mãos. São dois os tipos de adaptações observadas em sinais de duas mãos que favorecem a sua simetria:

– quando o sinal envolve duas mãos com CMs distintas para cada uma das mãos, a mão passiva pode assimilar a CM e o MOV da mão ativa, como no exemplo do sinal *DEPEND*, da ASL, tirado de Frishberg (1975, p.701):

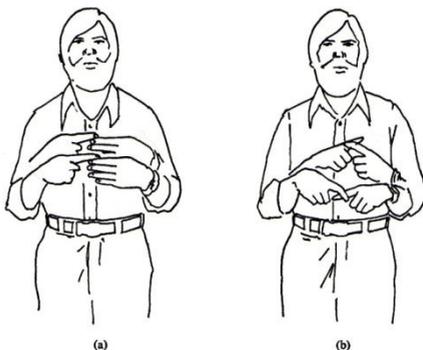


Figura 9: Assimilação da CM e MOV da mão ativa pela mão passiva na ASL no sinal *DEPEND*: (a) forma antiga; (b) forma atual

– quando o sinal envolve apenas uma mão, uma segunda mão com CM e MOV simétricos pode ser adicionada ao sinal, como no exemplo do sinal *TRAVEL* da ASL, tirado de Frishberg (1975, p. 702).

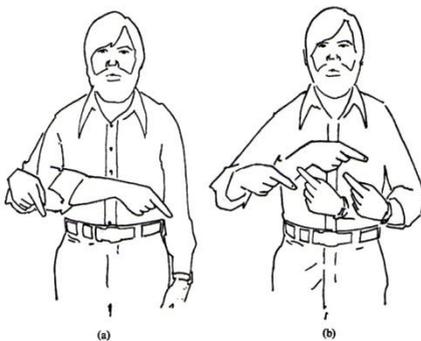


Figura 10: Transformação de um sinal com uma mão num sinal com duas mãos simétrico em TRAVEL: (a) forma antiga; (b) forma atual.

A segunda tendência de mudança dos sinais é o deslocamento em sua locação, um tipo de processo que parece ocorrer apenas nas línguas de sinais e que envolve restrições físicas na articulação das mãos e do corpo no espaço. De acordo com esse processo, gestos cuja articulação exige um amplo movimento dos braços, ao longo do tempo, tornam-se restritos a um espaço de sinalização que tem o peito como ponto central da articulação, a cintura como limite inferior, o pescoço como limite superior, e os cotovelos como limites direito e esquerdo (Frishberg, 1979).

Esse tipo de deslocamento, portanto, envolve mudanças no parâmetro da locação, e apresenta as seguintes tendências:

1- deslocamento de sinais realizados na altura da cabeça:

a- sinais de duas mãos tornam-se sinais com apenas uma mão;

b- sinais de uma mão são deslocados do centro para o canto do rosto.

2- deslocamento de sinais realizados abaixo do pescoço:

a- sinais de uma mão tornam-se sinais de duas mãos;

b- sinais realizados próximos a alguma das laterais do corpo são centralizados.

O deslocamento dos sinais na altura da cabeça pode ser explicado por um fator central: surdos interagem focalizando a visão no rosto de seus interlocutores, pelo fato de o rosto trazer uma série de informações gramaticais fundamentais para o entendimento do discurso em línguas de sinais. Nos dois primeiros tipos de deslocamento da locação apontados acima (1a e 1b), então, a perda de uma das mãos (1a) e a mudança da locação para a periferia do rosto (1b) demonstram que sinais realizados na frente do rosto – que podem bloquear as informações gramaticais nele veiculadas – tendem a sair da frente do rosto. Em ambos os casos, o fato de o rosto ser uma área de alta acuidade visual para os sinalizadores evita possíveis perdas de informação.

Pelo mesmo motivo (i.e. a presença do rosto como foco de atenção visual durante a sinalização) explica-se também o deslocamento de alguns sinais abaixo da altura da cabeça, caso em que o deslocamento parece caminhar em sentido oposto. Neste caso, sinais realizados com uma mão ganham uma outra mão (2a), e sinais realizados nas laterais do

corpo deslocam-se para a região central do corpo (2b), em ambos os casos um deslocamento que facilita a visualização do sinal numa área de baixa acuidade visual.

Como argumenta Frishberg (1975), essas mudanças demonstram que a mudança histórica favorece um aumento da arbitrariedade dos sinais e uma perda de sua iconicidade. O exemplo que a autora traz se refere ao sinal FEEL, da ASL, que sofreu o deslocamento da locação, da lateral do peito, na altura do coração, para o centro do peito. O sinal FEEL, originalmente produzido no coração pelo fato de nossa cultura enxergar o coração como um local originário de emoções, perde essa iconicidade do ponto de articulação a partir do momento em que passa a ser realizado no centro do peito.

A terceira tendência de mudança dos sinais aparece quando traços não-manuais de gestos icônicos são transpostos para as mãos do sinalizador, restringindo o conteúdo lexical do sinal às mãos. Por exemplo, no sinal PATIENT, da ASL, o movimento da cabeça de cima para baixo, que iconicamente reproduz a postura do paciente, foi transposto para o movimento das mãos, sem deslocamento da cabeça, conforme demonstra a Figura 11 abaixo:

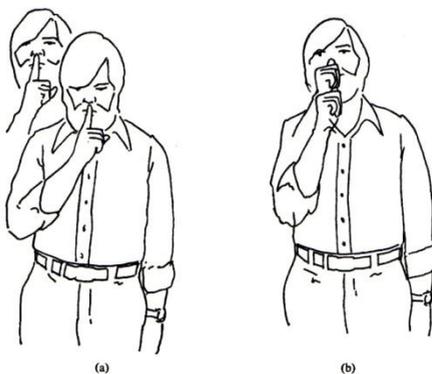


Figura 11: Transposição do movimento da cabeça para o movimento das mãos no sinal PATIENT: (a) forma antiga; (b) forma atual

A quarta tendência de mudança dos sinais envolve a transformação de sinais múltiplos para os sinais unitários, por meio da assimilação de traços de um sinal pelo outro, conforme o exemplo abaixo do sinal TOMATO, da ASL. Inicialmente, este sinal era formado pela combinação de RED e SLICE, e a configuração de mão e

orientação da palma se modificava na transição de um sinal para o outro. Atualmente, porém, o sinal SLICE assimilou ambos os traços do sinal RED, tornando a transição entre os dois sinais mais fluida e uniforme, conforme demonstra a Figura 12 abaixo:

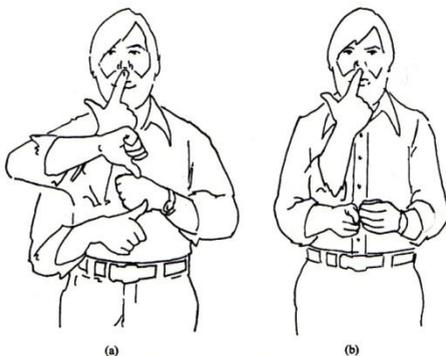


Figura 12: Assimilação de configuração de mão e orientação da palma no sinal composto TOMATO: (a) forma antiga; (b) forma atual.

Por fim, a última tendência de mudança de sinais apontada por Frishberg é a preservação morfológica dos sinais. De acordo com esse processo, sinais que apresentam alguma CM pantomímica tendem a ser produzidos utilizando uma CM convencional da língua de sinais, relacionada a uma determinada classe de sinais morfológicamente significativa, conforme mostra a Figura 13 abaixo:

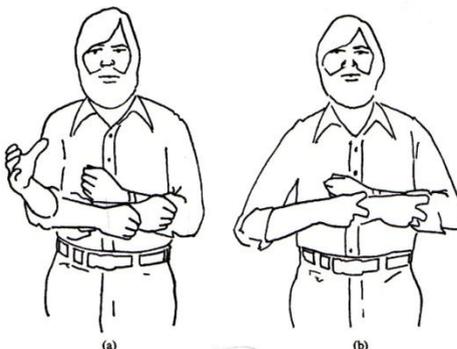


Figura 13: Troca da configuração de mão em favor de CMs morfológicamente significativas no sinal STEAL: (a) forma antiga; (b) forma atual.

Neste sinal STEAL, a mão ativa originalmente fazia um movimento pantomímico de “arrancar” (a), sendo direcionada ao outro braço como ponto de articulação. Tendo em vista que na ASL há todo um grupo de sinais que denotam comportamento ofensivo e que são realizados com a configuração de mão em V, o sinal STEAL substituiu a CM mais pantomímica pela CM convencionalizada desta classe de sinais (b).

Como demonstra o próprio estudo de Frishberg (1975), um dos aspectos morfológicos das línguas de sinais que merecem nossa atenção é a composição de sinais, tendo em vista que esse processo envolve também processos fonológicos. Quando dois sinais formam um sinal composto, é comum que mudanças fonológicas ocorram, o que pode ser explicado por um conjunto de regras: a regra do contato, a regra da sequência única, e a regra da antecipação da mão não-dominante. Veremos alguns exemplos da análise de Liddell que foram ilustrados no trabalho de Quadros e Karnopp (2004).

De acordo com a regra de contato, quando dois sinais se juntam para formar um sinal composto, o ponto de contato do primeiro sinal se torna o ponto de articulação inicial do sinal composto. Por exemplo, o sinal SABER é realizado por meio de movimentos repetidos da mão na altura da testa. Quando SABER se une a ESTUDAR, para designar o sinal composto com sentido de “acreditar”/“confiar”, o ponto de contato do sinal SABER (na testa) se torna o ponto de articulação inicial do sinal composto ACREDITAR, conforme demonstra a Figura 14 abaixo:

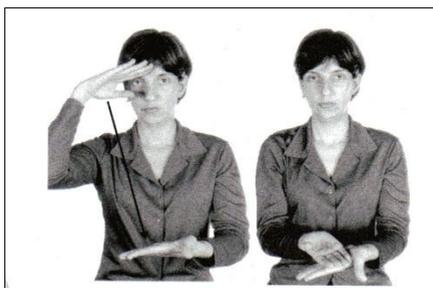


Figura 14: A regra do contato no sinal composto ACREDITAR

De acordo com a regra de sequência única, quando dois sinais se juntam para formar um sinal composto, o primeiro sinal geralmente perde a repetição do movimento. Tal fato pode ser observado tanto com o sinal SABER (acima), cujas repetições se perdem quando ele passa a integrar o sinal composto ACREDITAR (SABER^ESTUDAR), quanto com o sinal ESCOLA (CASA^ESTUDAR), quando o sinal CASA perde as suas repetições internas ao ser integrado com o sinal ESTUDAR, conforme mostra a Figura 15 abaixo:



Figura 15: A regra da sequência única no sinal composto ESCOLA

A última regra, da antecipação da mão não-dominante, ocorre quando o sinalizante, ao produzir um sinal composto, antecipa a mão relativa ao segundo sinal já ao início da produção do primeiro sinal. Este processo pode ser observado na mesma Figura 14 acima, relativa ao sinal ACREDITAR, pela presença antecipada da mão esquerda, relativa ao sinal ESTUDAR, durante a realização do sinal SABER. As regras que operam na formação de compostos em línguas de sinais, portanto, envolvem processos fonológicos que alteram um ou mais parâmetros dos sinais ao longo do desenvolvimento histórico da língua.

Além da mudança fonológica, outro processo diacrônico que é foco deste estudo é o processo de mudança lexical. Entende-se mudança lexical como a substituição de uma forma, dita *conservadora* ou *antiga*, por uma nova forma, dita *inovadora*, para a representação de algum conceito presente na língua (Faraco, 2005). Entre as diversas motivações para a mudança lexical, estão os neologismos, os empréstimos e a interferência. Destacamos como exemplo deste tipo de mudança – já antecipando a análise dos dados desta pesquisa – a mudança do sinal utilizado para designar o conceito “café”, conforme demonstra a Figura 16 abaixo:

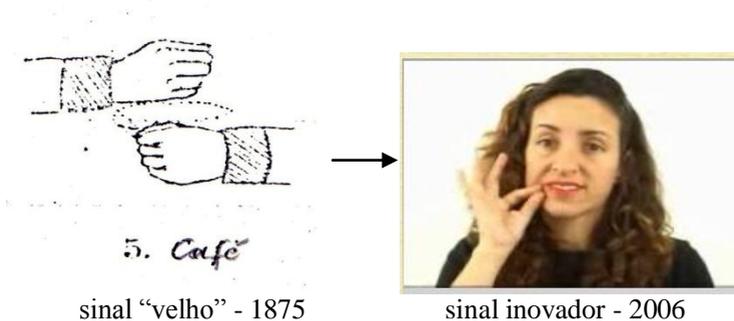


Figura 16: Mudança lexical relacionada ao conceito “café” na Libras

## 2.6. Variação e Mudança Linguística

Toda língua tem a sua vida própria e “alimenta-se” a partir da comunicação dos falantes, quando entram em contato com seus pares. Quando alimentada, a língua é transformada naturalmente, seja por fatores internos à própria língua (e.g. a fisiologia da articulação), seja por fatores externos (e.g. o contato com outras línguas). Nesta transformação, a língua modifica as formas das palavras e seus significados ao longo do tempo, sem prejudicar a estrutura linguística, que é fundamental para a comunicação entre os falantes. A língua é um objeto flexível, transformando-se regularmente (Petter, 2006, p. 12).

Uma observação importante nos estudos da relação entre língua e sociedade é a de que variação e mudança são fenômenos linguísticos intimamente relacionados entre si. Embora a mudança só possa ser atestada diacronicamente e sincronicamente é possível captar mudança em progresso, ou seja, a mudança em tempo aparente, e a variação sincronicamente. Desde o trabalho de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), sabemos que, para haver mudança, é necessário que em algum momento no estado de uma língua duas formas distintas e concomitantes estejam disponíveis como formas concorrentes (i.e. formas variantes). Assim, embora este estudo tenha como foco a mudança, questões de variação serão inevitavelmente consideradas.

Como esta pesquisa envolve a mudança linguística na Libras, revisaremos a área da Linguística que estuda o processo de mudança nas línguas naturais ao longo do tempo, a *linguística histórica*, tal como é tratada por Faraco (2005). Além disso, a relação íntima entre variação e

mudança acima destacada exige a consideração de uma outra área, que estuda a diversidade linguística nas comunidades de fala e sua motivação social, a *sociolinguística*. Nesse campo, destacam-se para a presente pesquisa os estudos de Calvet (2002), em particular em suas discussões sobre línguas em contato, bilinguismo, empréstimo e preconceito linguístico, e Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), daqui em diante abrevia-se em WLH (2006 [1968]), que, para dar conta dos fenômenos de variação e mudança, formulam uma teoria sobre o funcionamento do sistema linguístico abordando cinco problemas centrais: a restrição, a transição, o encaixamento, a avaliação e a implementação. Vamos então passar à resenha teórica desses autores, mostrando também a relevância desses estudos para o entendimento da Libras e das questões pertinentes ao tema desta pesquisa.

Nos estudos de Faraco (2005) sobre a mudança da língua, o autor demonstra que a mudança ocorre em qualquer língua, num processo lento e gradual que pode passar despercebido pelos usuários da língua. É verdade que há outras situações em que os falantes percebem a existência das mudanças, como por exemplo, quando encontram textos muito antigos ou convivem mais de perto com falantes mais jovens ou mais velhos. Porém, não existe um processo de mudança que ocorra de forma abrupta e inesperada e, por isso, os falantes em geral não apresentam a consciência de que a sua língua está mudando. Isso não constitui um problema aos falantes, contudo, já que “... as línguas mudam, mas continuam organizadas e oferecendo a seus falantes os recursos necessários para a circulação dos significados” (Faraco, 2005, p.14). Além de lenta e gradual, uma outra característica da mudança é o fato de ela ser contínua e regular. A mudança é contínua porque o estado da língua é sempre resultado de um longo e contínuo processo histórico, de modo que dificilmente pode ser precisado o momento inicial e final da mudança. A mudança é também regular no sentido de que, quando um elemento é modificado, essa mudança pode alcançar todas as suas ocorrências, transformando a língua de forma sistemática.

O estudo da mudança diacrônica revela a importância do desenvolvimento social e histórico da língua, bem como do desenvolvimento propriamente linguístico da língua. Neste desenvolvimento, podemos então observar dois tipos de fatores em operação na mudança linguística: fatores externos e fatores internos. Para análise dos fatores externos, investiga-se a evolução da língua ao longo do tempo em suas funções e contextos sociais, bem como nas relações com a comunidade. Para análise dos fatores internos, investiga-se a evolução da língua que ocorre devido à operação de determinados

processos gramaticais na fonologia, morfologia, sintaxe e no léxico (Faraco, 2005; Ilari e Basso, 2006).

Numa perspectiva diacrônica, os estudos mostram que a língua se transforma de várias maneiras, duas das quais serão foco de análise neste trabalho: unidades que existiam antes não ocorrem mais ou progressivamente deixam de ocorrer, ou ainda ocorrem com alguma modificação em sua forma e função. Esta mudança pode ser percebida pelo contraste entre manifestações linguísticas afastadas entre si no tempo e pode ser investigada por meio do levantamento de dados de diferentes períodos da história da língua, em busca das explicações sobre o processo da mudança no eixo do tempo. Esse tipo de abordagem na linguística histórica, adotado na presente pesquisa, caracteriza os estudos linguísticos da chamada *mudança em tempo real* (Faraco, 2005). Nesse empreendimento, três diferentes caminhos acabam sendo em um ou outro momento percorridos, ainda que com ênfases distintas: voltar ao passado e nele se concentrar; voltar ao passado para iluminar o presente; e estudar o presente para iluminar o passado (Faraco, 2005).

Um aspecto importante dos estudos da linguística histórica, como afirmado acima, é a relação da mudança com os aspectos históricos e socioculturais que necessariamente cercam o uso da língua. Calvet (2002) enfoca a discussão sobre as línguas em contato, o bilinguismo e o preconceito linguístico, que afetam a variação e mudança linguística na comunicação entre os falantes e seus pares. As línguas em contato em um lugar podem ser estudadas em duas formas: individualmente, quando se refere ao indivíduo bilíngue que faz uso de duas ou mais línguas; ou socialmente, quando comunidades falantes de línguas distintas passam a estabelecer algum tipo de contato social. Desses dois tipos de situações, surgem alguns efeitos que mexem nas estruturas linguísticas e que serão relevantes para o presente estudo: *empréstimos linguísticos, interferências, pidginização e crioulização*.

Empréstimo, nos estudos sociolinguísticos, diz respeito ao fenômeno social quando os falantes bilíngues se encontram e se sentem na necessidade de tomar emprestado as palavras ou os sinais já utilizados em outra língua, a língua de origem, para serem expressos numa outra língua, de destino (McCleary, 2008). Neste processo, é comum que as palavras emprestadas ganhem vida própria na língua de destino, modificando-se fonológica e semanticamente, a ponto de muitas palavras que consideramos típicas de uma língua serem na verdade empréstimos antigos de outras línguas.

A Libras, mesmo sendo uma língua de modalidade distinta do Português, apresenta empréstimos do Português na forma de sinais

constituídos por soletração manual. Essa soletração manual “não é uma representação direta do Português, é uma representação manual da ortografia do Português, envolvendo uma sequência de configurações de mãos que tem correspondência com a sequência de letras escritas do Português” (Quadros e Karnopp, 2004). Considerando que os sinais soletrados manualmente sejam bastante distintos fonologicamente dos sinais típicos da Libras, como é de se esperar em qualquer caso de empréstimo, é interessante observar que os empréstimos do Português na Libras acabam passando pelo mesmo processo de mudança fonológica e semântica que se observa nas línguas naturais.

Outra possibilidade de empréstimo na Libras é aquele decorrente de outras línguas de sinais. Um exemplo seriam os vários empréstimos da LSF documentados na *Iconographia dos Sinais*, um dos dicionários analisados neste estudo. Outro exemplo seriam os empréstimos que a Libras tem feito da ASL, resultado da influência principalmente do avanço nas pesquisas científicas na área nos Estados Unidos. Nos dias de hoje, empréstimos de uma língua de sinais para outra têm se ampliado progressivamente, com a ampliação do contato entre os surdos de diferentes países graças às tecnologias da comunicação, como o uso de webcam para comunicação virtual, que permitem aos surdos de todo o mundo interagirem entre si.

A interferência ocorre quando duas línguas convivem por muito tempo num certo local, influenciando os usuários das línguas em contato e podendo afetar os falantes dessas línguas. Por causa desse convívio, é comum surgirem interferências fonológicas, sintáticas e lexicais, sendo que a interferência lexical é mais frequente no encontro de duas línguas, em particular quando os grupos em contato organizam a experiência de vida de maneira semelhante (Calvet, 2002). A interferência pode ser inconsciente, como quando um usuário bilíngue produz um enunciado numa segunda língua de acordo com o seu conhecimento da primeira língua, mas também pode ser consciente, como quando algum tipo de política linguística é criado para modificar o curso de desenvolvimento natural de uma dada língua.

Tendo em vista que, diferente de outras minorias linguísticas, os surdos nascem em sua maioria em famílias ouvintes, a comunidade surda está em uma situação de contato linguístico contínuo e intenso com a comunidade ouvinte. Por esse motivo, a emergência de uma

situação de *bilinguismo popular* (Paulston, 1980)<sup>12</sup> faz com que inúmeras formas de interferência do Português na Libras se manifestem.

Uma forma comum de interferência ocorre quando alguns sinais da Libras são modificados fonologicamente, de modo a substituir configurações de mão próprias da Libras por configurações de mão equivalentes às primeiras letras das palavras na Língua Portuguesa. Um exemplo seria o sinal IMPORTANTE, que é realizado com a configuração de mão emprestada do alfabeto manual, em forma de “I”.

Outro exemplo de interferência curioso ocorre na criação de neologismos, isto é, na criação de formas inovadoras associadas a um novo significado. Por exemplo, a emergência de novas tecnologias e novas ferramentas de comunicação resultou inicialmente na produção do sinal E-MAIL, tal como aparece nas duas imagens do lado esquerdo da Figura 17 abaixo:



Figura 17: O processo de mudança de um sinal: E-MAIL

<sup>12</sup> Paulston contrapõe a noção de bilinguismo popular ao bilinguismo de elite, para marcar o modo diferente pelo qual o mesmo fenômeno é vivenciado por minorias sociais, de um lado, e a elite social, de outro. Enquanto no caso do bilinguismo popular, a L2 se coloca como uma *imposição* diante da *desvalorização* da L1 da comunidade, que costuma ser vista como uma *barreira* para aquisição da L2, no caso do bilinguismo de elite a L2 se coloca como uma *opção* diante de uma outra L1 que também é socialmente *valorizada*, e que portanto costuma ser vista como um *apoio* para a aquisição da L2. A situação social dos surdos os coloca numa posição de bilinguismo popular.

A história deste sinal ilustra particularmente bem o processo de empréstimo de palavras de uma língua para outra. Em Português, a palavra emprestada do Inglês, *e-mail*, já sofreu um processo de regularização fonológica, sendo pronunciada como “emeio” ou “imeio”. Quando a palavra já adaptada do Português foi emprestada para a Libras, ela foi inicialmente estruturada com as configurações de mão em “E” (mão esquerda da sinalizadora) e em “M” (mão direita), e com o movimento da mão direita sendo realizada no “meio” da mão esquerda, iconicamente representando a palavra “meio” do Português. Essa interferência produziu um neologismo que não se encaixa nas restrições fonológicas da Libras, pois sinais que apresentam dominância raramente utilizam configurações de mão em “M” ou “E” (Xavier, 2006). Observa-se neste caso como as interferências do Português na Libras são regularizadas ao longo do tempo, mesmo que isso implique uma diminuição da iconicidade do sinal, em direção à arbitrariedade.

Outro produto comum do processo de interferência, também consequência do contato entre línguas, é a emergência de *pidgins*. O *pidgin* é uma variedade de língua que surge da necessidade de duas comunidades linguísticas que não compartilham uma língua se comunicarem. Apresentam três características: a mistura das estruturas das duas línguas, o aparecimento de estruturas que não estão presentes em nenhuma dessas línguas e a simplificação das estruturas existentes nas línguas em contato (Wilcox e Wilcox, 2005).

No caso da Libras e da Língua Portuguesa, a emergência de *pidgins* é favorecida pelo convívio diário entre falantes surdos, que conhecem a Libras, e ouvintes, que desconhecem essa língua. Neste contexto, duas formas comuns de línguas de contato emergem. Uma forma se dá quando a Libras é expressa utilizando os sinais numa frase que obedece à estrutura sintática da Língua Portuguesa (i.e. o chamado *português sinalizado*). Outra forma se dá quando a Libras é produzida com as mãos, enquanto o Português é produzido com a boca, realizando sinais e voz simultaneamente (i.e. o chamado *bimodalismo* na Educação de Surdos). Essas duas formas de comunicação não devem ser confundidas com a Libras, pois perdem as características linguísticas próprias das línguas visuais e gestuais<sup>13</sup>.

Por fim, uma das consequências comuns da situação de línguas em contato é a emergência de preconceito linguístico, um tipo de atitude

---

<sup>13</sup> Estudos sobre português sinalizado e bimodalismo no Brasil ainda são raros, de modo que não se sabe ao certo em que medida esses dois fenômenos seriam manifestações típicas de *pidgins*, ou se teriam alguma particularidade a ser notada.

dos falantes em relação à língua que pode envolver as reações do falante diante da sua própria fala ou diante da fala dos outros. Como resultado do preconceito linguístico, os falantes se preocupam com a valorização de certas práticas linguísticas e/ou com a modificação de outras práticas, de acordo com algum modelo de língua que eles consideram de prestígio (Calvet, 2002). Há diversas formas de preconceito linguístico e elas podem ser resultado de ignorância, de intolerância ou de manipulação ideológica (Bagno, 2007). Alguns destes mitos são a maneira de falar “certo” e “errado”, o desconhecimento sobre a função e a importância da variação e da mudança linguística, a inferiorização e o não-reconhecimento de línguas, entre outros.

Para entendermos a razão pela qual as sociedades apresentam tamanho preconceito com as línguas de sinais, precisamos retomar e aprofundar a situação social das pessoas surdas. Quando nascem pessoas surdas em famílias ouvintes, a família começa a se comunicar com a criança em sua língua materna, a Língua Portuguesa, pois a grande maioria dos ouvintes não conhecem a Libras. Quando descobrem que a criança é surda, é comum que algumas famílias se comuniquem por meio de gestos e/ou tentem trabalhar com a criança a oralização e a leitura labial do Português. Apesar da Libras ser a língua natural das pessoas surdas, por ser a única língua capaz de ser adquirida espontaneamente por pessoas surdas, sem necessidade de instrução, a maioria dos surdos só iniciam o contato com a Libras tardiamente, em idade avançada. Os únicos surdos que têm contato direto e precoce com a Libras, geralmente, são aqueles surdos, filhos de pais surdos, que são mais exceção do que regra na comunidade surda.

Tal situação faz com que muitos surdos atravessem a sua infância, e em muitos casos a sua adolescência, comunicando-se precariamente, sem nenhuma língua plenamente constituída. Nas famílias, é comum que a comunicação se dê por meio de gestos e mímica convencionados exclusivamente entre os surdos, seus familiares e amigos íntimos. Este conjunto de gestos ou sinais, distintos da variedade mais padronizada utilizada pelas comunidades de surdos adultos são chamados de *sinais caseiros* (Frishberg, 1975). Em respeito a pidgins e sinais caseiros, como esclarecemos antes, são considerados como as outras variantes em coexistência, do qual a Libras é uma variante<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> Quando fazemos referência a pidgins e sinais caseiros como distintos da Libras, queremos ressaltar justamente o nível de estruturação que a Libras apresenta por ser utilizada cotidianamente por uma grande comunidade de usuários. Do ponto de vista lexical, por exemplo, muitos gestos criados por ouvintes e sinais criados no ambiente caseiro apresentam

Tal situação parece ser uma das principais origens do preconceito linguístico com relação às línguas de sinais e às pessoas surdas. De um lado, a Libras passa a ser confundida com esses gestos caseiros, sendo considerada uma língua inferior, formada por gestos e mímica, ou ainda moldada de acordo com a estrutura da Língua Portuguesa, resultando numa grande desvalorização e inferiorização das línguas de sinais. De outro lado, os surdos passam a ser vistos como deficientes, pessoas incapazes de ter a vida social plena ou de se comunicarem com clareza (e.g. o ditado “conversa de surdo” revela bem esse preconceito). Nos dias de hoje, com a ampliação das pesquisas sobre surdez e línguas de sinais, o entendimento da situação social dos surdos e o aprofundamento do conhecimento sobre a estrutura linguística das línguas de sinais têm contribuindo gradualmente para acabar com esse preconceito, mas ainda estamos longe de superá-lo.

Tanto Faraco quanto Calvet estudam processos de variação e mudança nas línguas em sua relação com fatores sociais e históricos diversos, porém foram WLH (2006 [1968]) que primeiro construíram uma teoria linguística que permitisse dar conta dos processos de mudança interna da língua em relação aos seus fatores condicionantes. Para isso, WLH (2006 [1968]) identificam cinco problemas centrais para o entendimento pleno de como se dá o processo de mudança linguística: a restrição, a transição, o encaixamento, a avaliação e a implementação das mudanças linguísticas. Posta na forma de questões investigativas, a discussão de WLH (2006 [1968]) poderia ser assim colocada: i) restrição: Como e por que as línguas mudam?; ii) transição: Se a língua muda, mas nem tudo muda, é apenas a variação?; iii) encaixamento: Se houver uma pequena mudança numa determinada língua, ela pode ser transmitida para toda a comunidade da fala ou não?; iv) avaliação: Qual a atitude dos falantes diante da variação e mudança?; v) implementação: Se a mudança for introduzida numa comunidade, pode acontecer o bloqueio da comunicação entre os pares?

O problema da “restrição” tem o objetivo de investigar o conjunto de possíveis mudanças e possíveis condições para a mudança na estrutura de uma língua, diante de fatores externos (e.g. línguas em

---

todas as propriedades que um sinal da Libras apresenta, podendo ser perfeitamente compreendidos, de um ponto de vista sociolinguístico, como variantes locais. Além disso, estudos demonstram que os sinais caseiros podem sim apresentar um nível básico de estruturação tanto no nível morfológico quanto sintático (Goldin-Meadow, 2003). Tais reflexões mostram que o estudo de “pidgins” sinalizados e dos sinais caseiros precisam ser aprofundados, não apenas para que essas formas de comunicação sejam melhor entendidas, mas também para que o preconceito e o estigma linguístico sejam evitados.

contato) e internos (e.g. processos fonológicos). As restrições apresentam as condições para que o processo da mudança ocorra de modo gradual e contínuo no desenvolvimento de uma língua.

O problema da “transição” tem o objetivo de investigar, quando os falantes entram em contato para se comunicar, como é que pode haver a transferência de traços do discurso linguístico de um falante para outro falante, processo que é influenciado por fatores sociais diversos como o grupo social ao qual cada falante pertence, a proximidade geográfica e a competência linguística. É neste processo de transição que o falante aprende uma forma alternativa da língua, podendo ou não incorporá-la em seu repertório linguístico. Uma consequência comum é a de que o falante passe então a utilizar duas variantes por um certo tempo, como variantes em concorrência, e que após algum tempo uma destas duas variantes se torne obsoleta (Weirinch, Labov e Herzog, 2006 [1968]).

O problema do “encaixamento” envolve a reflexão de como algumas mudanças são encaixadas no sistema de relações linguísticas e sociais, enquanto outras mudanças acabam não sendo acomodadas pelo sistema. Este encaixamento se dá de duas formas: na estrutura linguística e na estrutura social. O encaixamento na estrutura linguística refere-se à mudança interna que afeta uma estrutura linguística, em que o fragmento da gramática se acomoda à gramática de uma dada língua, processo que depende fundamentalmente da competência linguística de um falante. O encaixamento na estrutura social refere-se à mudança externa que se espalha por um determinado grupo social, definido a partir de diferenciadores sociais tais como grupo socioeconômico, faixa etária, gênero, etnia, localização geográfica, entre outros. Segundo WLH (2006 [1968]), a mudança linguística sempre começa em um ponto particular da estrutura social, podendo se difundir por toda uma comunidade de fala.

As mudanças linguísticas podem ser observadas e avaliadas pelos falantes. Como os membros da comunidade da fala percebem a mudança e se relacionam com ela? Este problema da “avaliação” depende de um certo nível de consciência social do processo de variação e mudança. Inicialmente, nos primeiros estágios da mudança, esta consciência pode não existir e o fenômeno passar despercebido. Com o passar do tempo, porém, a mudança pode começar a ser notável para alguns usuários, e nesse momento um significado social passa a ser atribuído aos diferentes usos concorrentes, sendo atribuído prestígio a algumas formas e não a outras. Começa assim a estratificação dos grupos sociais, com o reconhecimento das diferenças linguísticas que caracterizam cada grupo,

podendo resultar em reações positivas ou negativas diante da diversidade linguística. Em muitos casos, por exemplo, as pessoas passam a utilizar formas conservadoras no espaço de trabalho, ou em outros ambientes mais formais, e formas inovadoras na interação com a família e os amigos, em ambientes mais informais.

Por último, o problema de “implementação” envolve o processo final da mudança, quando um dos traços característicos da variação se difunde por todo um subgrupo específico da comunidade de fala, resultando em deslocamentos na estrutura linguística. Este traço linguístico modificado é considerado novo, assumindo um significado social, e este valor social passa a ser associado ao grupo linguístico em que o traço foi incorporado. Neste contexto se dá a “implementação” da forma inovadora no uso comunicativo da língua entre os membros da comunidade.

A teoria de Weirinch, Labov e Herzog (2006 [1968]) nos permite situar a pesquisa atual dentro do complexo processo de mudança linguística. No caso deste estudo, que visa a investigar a mudança fonológica e lexical dos sinais em tempo real, serão abordadas três das cinco questões postas pelos autores: a restrição, o encaixamento e a implementação. A primeira questão, da restrição, constitui o foco central da pesquisa, tendo em vista que o principal objetivo deste estudo é o de demonstrar “como” (prioritariamente) e “porque” (quando possível) os sinais da Libras mudam a partir das características e restrições fonológicas da Libras. As outras duas questões, do encaixamento e da implementação, serão abordadas tangencialmente, na discussão das hipóteses e resultados que emergiram a partir das análises desta pesquisa, quando serão discutidas em maiores detalhes a relação entre a Libras e a história da comunidade surda, bem como o contato da Libras com a Língua Portuguesa e com outras línguas de sinais. Os demais problemas, transição e avaliação, não serão tratados nesta pesquisa, mesmo porque exigiriam a consideração de um *corpus* diferenciado, coletado a partir de pesquisa de campo. Para analisar a transição e avaliação, é necessária a presença de informantes para obtenção de informações sobre a transferência de traços inovadores do indivíduo para o grupo como um todo, bem como para informações sobre a avaliação da mudança pelos membros da comunidade surda.

Em conjunto, os estudos da linguística histórica, das línguas em contato, e da sociolinguística oferecem uma base teórica sólida para a presente pesquisa, que envolve uma análise do processo de mudança linguística da Libras em tempo real. Essas várias questões serão retomadas tanto no capítulo 3, cujas considerações metodológicas

deverão também remeter ao contexto sociolinguístico de produção dos dicionários escolhidos nesta pesquisa, quanto no capítulo 4, que envolverá a análise propriamente dita da mudança fonológica e lexical na Libras.

## 2.7. Conclusão

Enfim, nesta pesquisa é explorado somente um dos objetos teóricos da linguística, a mudança. Este fenômeno é investigado através da descrição e análise comparativa de aspectos fonológicos e lexicais da Libras.

Antes de iniciar a pesquisa, mostramos a história da evolução da Libras e seu reconhecimento linguístico, a desmitificação da mesma diante da sociedade, a existência da mudança tanto na Libras quanto em Português. Diante da valorização da Libras, mostramos as características básicas da fonologia e da morfologia e a discussão de alguns processos fonológicos e lexicais nas línguas orais e línguas de sinais.

Esta pesquisa traz algumas principais referências sobre os fenômenos da variação e da mudança linguística como base teórica para o estudo e a discussão de algumas relações destes fenômenos na área das línguas de sinais, que estão disponíveis ao leitor para a compreensão das análises apresentadas no capítulo 4.

### 3. Metodologia da Pesquisa

#### 3.1. Introdução

Com base nos registros históricos, podemos afirmar que os três dicionários de sinais demonstram ter envolvimento direto e/ou indireto na história da Libras, desde a fundação do INES até hoje. Nesta documentação para a pesquisa, desenvolvemos um método investigativo para realizar a análise comparativa dos sinais em duas etapas: primeiro, levantar e descrever os sinais em termos de suas características fonológicas; em seguida, comparar os sinais dos três dicionários com foco no problema da mudança linguística, classificando-os em três categorias:

- a. sinais que permaneceram idênticos até os dias de hoje,
- b. sinais que passaram por mudança em algum de seus parâmetros fonológicos,
- c. sinais que passaram por mudança lexical, com uma nova forma substituindo a forma antiga associada a um dado significado.

A primeira etapa da pesquisa envolveu um estudo das características materiais e linguísticas dos dicionários, com foco nas suas diferentes formas de organização e documentação lexicográfica. Essa análise foi acompanhada de uma descrição dos sinais selecionados para o estudo comparativo, partindo dos sinais do *Iconographia* e buscando os sinais correspondentes nos dois outros dicionários, de Oates e do INES.

A comparação foi realizada sempre em pares: primeiro, do *Iconographia* com o de Oates; segundo, do Oates com o do INES; e terceiro, do *Iconographia* com o do INES. *Iconographia* serviu de ponto de referência principal para a comparação, por ser o documento mais antigo e com menor número de entradas. Esse documento conta com um total de 382 sinais, mas nem todos constam nos dois outros dicionários, principalmente no de Oates. Considerando todos os sinais passíveis de comparação, foram analisados ao final 287 sinais, muitos dos quais só foram recuperados devido à comparação direta entre o *Iconographia* e o do INES.

A análise comparativa foi investigada principalmente por meio da análise das formas dos sinais, tais como elas estão representadas nas ilustrações, fotos e vídeos dos sinais. De forma secundária, e com maior

cautela, as glosas associadas aos sinais e as categorias semântica e gramatical às quais os sinais foram associados também foram consideradas para essa comparação. A dificuldade de utilizar essas outras fontes de informação se deve ao fato de os três dicionários terem sido produzidos em épocas diferentes e por autores diferentes, com seus métodos peculiares de organização e documentação lexicográfica, muitas vezes sem uma fundamentação linguística.

Nas seções a seguir, vamos começar analisando as características materiais e linguísticas dos três dicionários. Em seguida, apresentaremos alguns problemas de analisabilidade do *corpus* e, a partir dessa revisão crítica, apontaremos algumas estratégias metodológicas adotadas para viabilizar a análise da mudança linguística na Libras.

### 3.2. O *Corpus* da Pesquisa

#### 3.2.1. *Iconographia dos Signaes*

Apresentamos o primeiro dicionário, *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, de 1875, um documento histórico do INES que traz um vocabulário básico da Libras no processo inicial da constituição de seu sistema linguístico. Veja a Figura 18 abaixo:

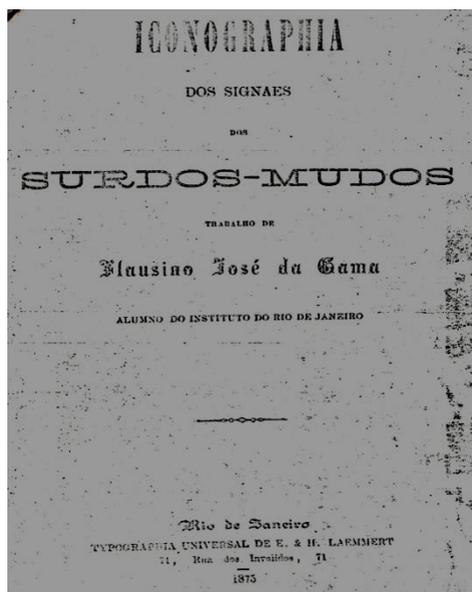


Figura 18: A capa do livro *Iconographia dos Signaes*

Pela leitura do prefácio escrito no dicionário *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* pelo ex-diretor do instituto do INES, Tobias Leite, observa-se que um dos alunos, Flausino José da Gama, considerado educado e hábil desenhista, se interessou por uma outra obra, a *Iconographia dos Sinais da LSF*, ilustrada por Pierre Pélissier, professor e poeta surdo do Instituto de Jovens Surdos-Mudos de Paris, (Campello, 2008, 2009). Tobias Leite então tratou de convidar um perito em desenho litográfico, Eduard Rensburg, para ensinar Flausino numa oficina de desenho, com o objetivo de reproduzir a *Iconographia dos Sinais* franceses para o Brasil, modificando apenas a tradução das glosas, que passaram do Francês para o Português.

As formas dos sinais, acompanhadas de suas glosas, estão distribuídas em *estampas* que são divididas e enumeradas em duas formas:

– as estampas em *números romanos* contêm uma descrição verbal de como produzir os sinais que aparecem nas estampas que lhe seguem, como mostra a Figura 19 abaixo:

## Alimentos, objectos de mesa

À figura 1.<sup>a</sup> deve preceder o signal de cousa que se come.

Do mesmo modo se procede com o signal de refeição, antecedendo o signal de-manhã para indicar almoço, de meio-dia jantar, etc.

Na figura 4.<sup>a</sup> a mão esquerda representa a tripa e o pollegar da direita a carne picada que nella se introduz para formar a linguica.

**Fig. 6.** — Bater com as extremidades dos dedos, umas contra as outras, como se se quebrasse ovos batendo um no outro.

**Fig. 7.** — Precedê-lo do antecedente.

**Fig. 9.** — Fingir que se morde um pedaço de queijo que estivesse, entre o pollegar e indicador.

**Fig. 10.** — Sobrepôr a palma de uma mão sobre a outra, e arrastar duas ou tres vezes a superior sobre a inferior até á ponta dos dedos. Si ajuntar o signal de preto, exprime —doce—, o de vermelho exprime—groseille e o de amarello exprime—manteiga.

Completa-se o signal da figura 11 traçando com o indicador direito a fôrma de um pastel, e figurando o rolo de pão com que os pasteleiros amassão—a maça.

**Fig. 12.** — Fingir moer com a mão direita sobre a esquerda, e acrescentar-lhe o signal 19.

**Fig. 13.** — Tocar a lingua com a extremidade do indicador e juntar-lhe o signal 19.

**Fig. 14.** — Para exprimir guardanapo, ajunta-se-lhe o signal de limpar a bocca e de estendê-lo sobre os joelhos. Para exprimir toalha, fingir que se estende sobre a mesa que se figura estar diante.

**Fig. 17.** — Si fôr canivete, figura-se abri-lo. Si fôr faca, figura-se cortar.

**Fig. 18.** — Depois de se fazer com as mãos a fôrma da sopeira, ajunta-se o signal de sôpa, que consiste no de pão, e no de colher.

**Fig. 19.** — Mover os dedos retrahidos como quando se sençia, ou se espalha sal sobre um prato.

Figura 19: A estampa II da *Iconographia*

— as estampas em *números cardinais* contêm desenhos ilustrando a forma dos sinais, acompanhadas de glosas e enumeradas de acordo com as descrições das estampas em números romanos, como mostra a Figura 20 abaixo:

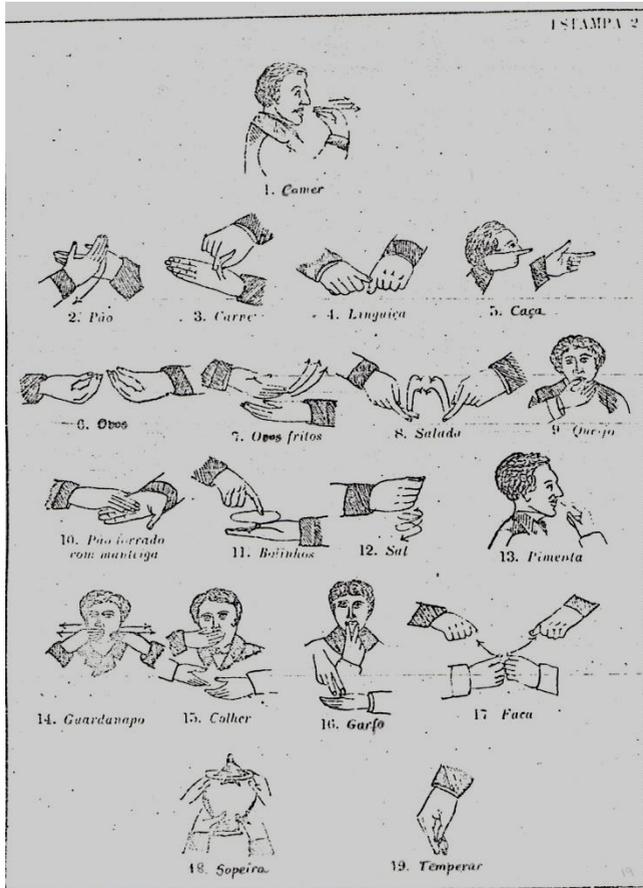


Figura 20: A estampa 2 da *Iconographia*

Não há uma numeração de páginas geral, embora possamos contar um total de quarenta e uma folhas.

A *Iconographia* contém dezessete seções, sendo sete relacionadas a vocabulário do cotidiano e outras doze relacionadas à gramática, totalizando 382 sinais. Das estampas enumeradas em romanos, a primeira contém o alfabeto manual com vinte e seis letras e as demais contêm as seções: “Alimentos e Objetos da Mesa”; “Bebidas e Objetos para escrever”; “Objetos de Aula”; “Individualidade e Profissões”; “Animais”; “Pássaros”; “Peixes e Insetos”; “Adjetivos e Qualidades Morais”; “Pronomes e os três tempos absolutos do indicativo”;

“Verbos”; “Advérbios”; “Preposições e Conjunções”; “Interjeições e Interrogações”.

Nas estampas enumeradas em cardinais, onde são ilustradas as formas de sinais, há alguns critérios para documentação e compreensão a respeito dessa forma:

- se os sinais são produzidos no espaço neutro, apenas as mãos são ilustradas;
- se os sinais são produzidas em contato com o corpo, geralmente da cintura para cima, são ilustradas as mãos diante da cabeça e do peito;
- se os sinais são produzidos em contato com o corpo, abaixo da cintura, são ilustradas as mãos diante do corpo todo.

Para melhor visualização desta representação das formas de sinais a partir da produção de sinais pelo sinalizante, mostramos alguns sinais ilustrados da estampa 5 da *Iconographia* na Figura 21 abaixo:

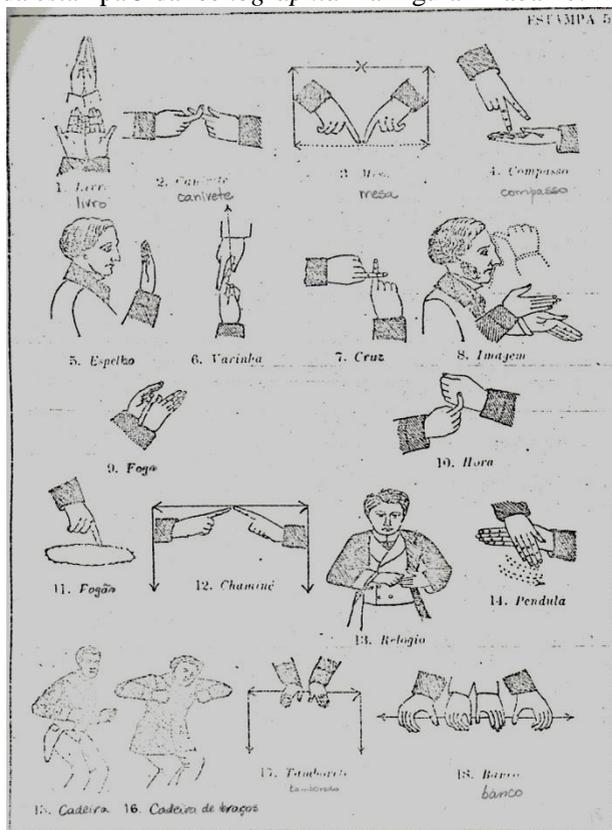


Figura 21: A estampa 5 da *Iconographia*

Essa estampa traz ilustrações sobre a forma de diferentes tipos de sinais: 1- As formas de sinais realizados no espaço neutro (e.g. sinal FOGÃO, realizado com uma mão e sinal MESA, realizado com duas mãos); 2- As formas de sinais realizados diante do corpo (e.g. sinal ESPELHO, realizado com uma mão na frente do rosto); 3- As formas de sinais realizados em contato com o corpo (e.g. sinal IMAGEM, realizado acima do peito, e sinal RELÓGIO, realizado abaixo do peito); e 4- A forma de sinal incorporada pelo corpo todo (e.g. sinal CADEIRA).

### 3.2.2. Linguagem das Mãos

O segundo dicionário, *Linguagem das Mãos* de 1969, pode ser visto na Figura 22 abaixo:

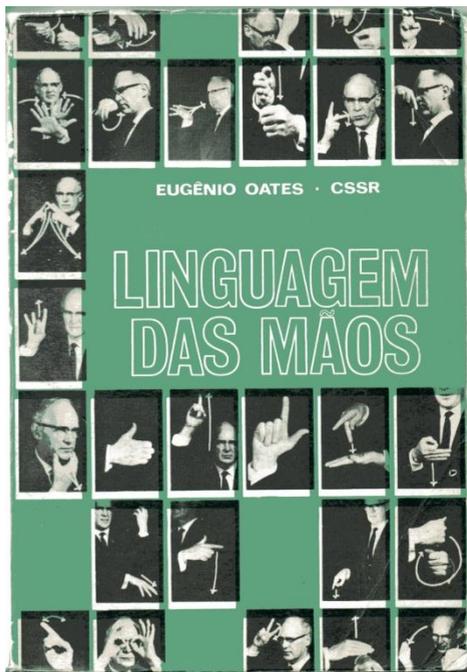


Figura 22: Capa do dicionário *Linguagem das Mãos*

Este dicionário foi produzido pelo padre Eugenio Oates, o missionário americano ouvinte e membro da Congregação Redentorista.

Ele veio ao Brasil em 1946 para servir em caridade à população brasileira, viajando para isso de norte a sul. No prefácio do dicionário, Oates afirma que conheceu as comunidades surdas por todo o Brasil, pesquisando o que ele chamava de “mímicas” e “gestos”, que de fato constituíam os sinais da Libras de sua época em variação regional. Afirma ainda que o dicionário foi criado com o objetivo de ajudar os surdos a terem melhor entrosamento na sociedade, na educação e na religião, e que teve participação e consulta por parte de surdos membros de associações, bem como de professores com conhecimento da “linguagem gestual” dos surdos.

Oates traz ainda no prefácio alguns conselhos sobre como evitar movimentos “desnecessários” dos sinais e expressões faciais “exageradas”. O autor procura explicar como era a comunicação dos surdos-mudos, destacando que a linguagem “mímica” também possuía sinônimos e regionalismos. No que se refere ao estudo de regionalismos, a pesquisa de Oates pôde ser realizada graças à pesquisa e coleta dos sinais com os surdos, líderes de comunidades surdas brasileiras, como o Pe. Vicente de Paulo Penido Burnier<sup>15</sup>, representante da comunidade surda católica, e Francisco Lima Júnior<sup>16</sup>, líder e educador surdo da comunidade surda da Florianópolis, em Santa Catarina (Schmitt, 2008).

Ao final do prefácio, o dicionário traz uma página contendo a figura de uma mão, com os nomes de cada dedo para facilitar o leitor na leitura da descrição dos sinais, que aparecerão ao longo do dicionário. Ainda antes das páginas referentes ao vocabulário, uma outra página traz o alfabeto manual da Libras, contendo 27 letras, incluído o Ç, e também os acentos.

As 325 páginas do dicionário contêm 15 seções, com 1.276 sinais no total, expondo o vocabulário por meio de campos semânticos: cores, alimentos e bebidas, animais, o mundo e a natureza, a religião, tempo, alguns países do mundo, estados brasileiros, vestuários e acessórios, esportes, e por meio de classes gramaticais: verbos, substantivos, advérbios, pronomes, antônimos e números. Cada seção é organizada pela ordem alfabética das glosas às quais os sinais são associados, ao

---

<sup>15</sup> Burnier foi um padre surdo muito influente nas comunidades surdas do Brasil. Foi o chanceler e secretário da Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Juiz de Fora do Estado de Minas Gerais. Faleceu em 16 de julho de 2009, aos 89 anos de idade.

<sup>16</sup> Tenho orgulho em dizer que conheci pessoalmente o Sr. Francisco, que hoje está com 84 anos de idade, residindo atualmente em São José/Santa Catarina. Ele relatou um pouco sobre como foi a sua participação no dicionário de Oates, citando os sinais específicos da região sul que foram adotados no dicionário. Francisco chegou a produzir um manuscrito incompleto documentando sinais para a Educação de Surdos na sua cidade, em 1947.

passo que nas seções de Tempo e Sinônimos os verbetes são expostos em pares de antônimos, como por exemplo: ALTO e BAIXO, PERTO e LONGE.

A representação dos sinais é feita por meio de fotografias em preto e branco, ao invés de ilustrações, com um sinalizante, o próprio Oates, produzindo os sinais. Alguns sinais são representados somente pelas mãos, enquanto outros aparecem diante da cabeça e do peito. Ao lado destas fotos, o autor incluiu a glosa em maiúsculas, acompanhada de descrições verbais sobre como produzir os sinais.

A Figura 23 abaixo traz alguns sinais fotografados, retirados da página 76, a título de ilustração:

		<p><b>VENDER</b> — (291) — Mãos em “S”, palmas para dentro, lado a lado, diante do peito. Elevar ligeiramente as mãos em “V”, palmas ficando viradas para dentro. (Venda, vendido, vendedor).</p>
		<p><b>VER</b> — (292) — Mão direita em “D”, palma para dentro. Colocar a ponta do indicador debaixo da vista direita. (Enxergar, visto, perceber, visível, evidente, patente, avistar).</p>
		<p><b>VESTIR</b> — (293) — Segurar e mover levemente a roupa no peito e, em seguida, baixar as mãos abertas, palmas para dentro, sobre o tronco, até a cintura. (Vestuário, traje, roupa, cobrir com roupa, revestir, pôr sobre si).</p>
		<p><b>VIAJAR</b> — (294) — Mão direita aberta, palma para esquerda, dedos para frente. Estender e elevar a mão para frente, sacudindo-a para cima e para baixo ao mesmo tempo. (Viagem, partir, sair, viajante, fazer viagem, percorrer).</p>
		<p><b>VIGIAR</b> — (295) — Mão esquerda em “D” horizontal, palma para dentro. Colocar o pulso da mão direita em “V” horizontal sobre o indicador esquerdo e virar a mão direita para o lado esquerdo e para frente. (Vigia, inspetor, guarda, velar, observar atentamente, estar atento, estar de sentinela, zelar, zelador, tomar conta de, cuidar).</p>

76

Figura 23: Uma página do dicionário de Oates

Essa página oferece como exemplo diferentes representações de sinais:

1-sinais produzidos no espaço neutro (e.g. o sinal VIAJAR, feito com uma mão, e o sinal VENDER, feito com duas mãos);

2- sinais produzidos em contato com o corpo (e.g. o sinal VER, produzido com uma mão na altura do rosto, e o sinal VESTIR, produzido com duas mãos na altura do peito).

### 3.2.3. O Dicionário Digital do INES

O *Dicionário da Língua Brasileira de Sinais/LIBRAS*, diferentemente dos dois dicionários impressos acima descritos, foi produzido em CD-ROM, na versão 2.0, de 2006, conforme mostra a Figura 24 abaixo:

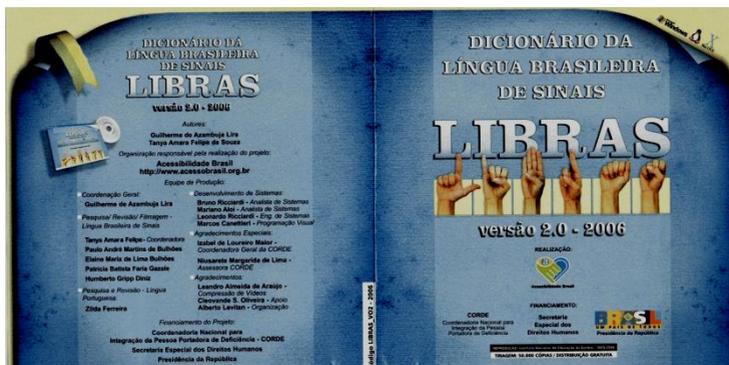


Figura 24 : A capa do Dicionário Digital do INES

Este dicionário foi produzido num período bastante diferente dos demais, em que a Libras progressivamente passa a gozar de estatuto linguístico e passa a ser abordada como uma língua na academia e na sociedade. Isso torna este dicionário mais completo e melhor elaborado, contendo mais de três mil sinais. O dicionário foi produzido por uma equipe mista de profissionais surdos e bilíngues, técnicos em desenvolvimento de sistemas, uma linguista e uma revisora de Língua Portuguesa.

Os sinais podem ser visualizados por três formas diferentes de busca: pela ordem alfabética, pelas categorias semânticas ou pela tabela de configurações de mãos. A tela de visualização na consulta de sinais pode ser observada na Figura 25 abaixo:



Figura 25: A página virtual do Dicionário Digital

Nesta página virtual, são apresentadas simultaneamente nove janelas. São elas: o “nome do sinal” solicitado em Língua Portuguesa, ou seja, a glosa; o assunto ou campo semântico desta palavra (e.g. bebida, matéria, alimento); a classe gramatical; a acepção desta palavra em Língua Portuguesa; o vídeo, em que a tradutora/sinalizante produz o sinal na Libras; a origem geográfica deste sinal correspondente; a configuração de mão referente à forma do sinal correspondido; o exemplo da frase em Português considerando-se uma possível tradução dos sinais; e o exemplo da mesma frase em Libras, por meio de uma transcrição por glosas.

A análise dos sinais deste dicionário foi facilitada pela melhor visualização na produção das formas dos sinais, graças à presença do vídeo, que pode ser clicado quantas vezes for necessário para uma observação minuciosa.

Abaixo, mostramos alguns exemplos de como sinais que possuem diferentes formas são produzidos nos vídeos:

1- sinais produzidos no espaço neutro:

- com uma mão, conforme a Figura 26 abaixo:

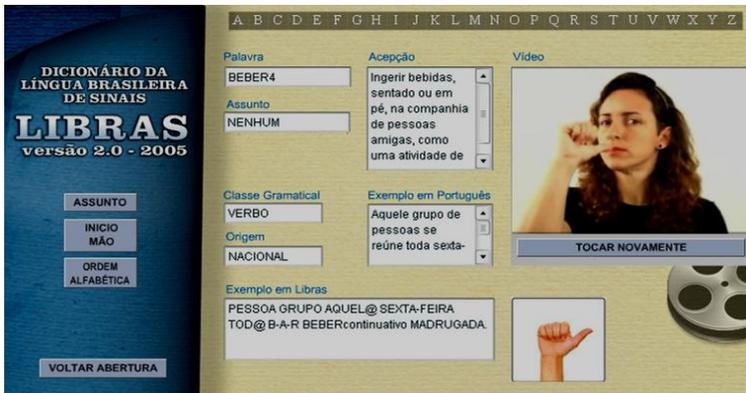


Figura 26: O sinal realizado com uma mão no espaço neutro

- com duas mãos, conforme a Figura 27 abaixo:

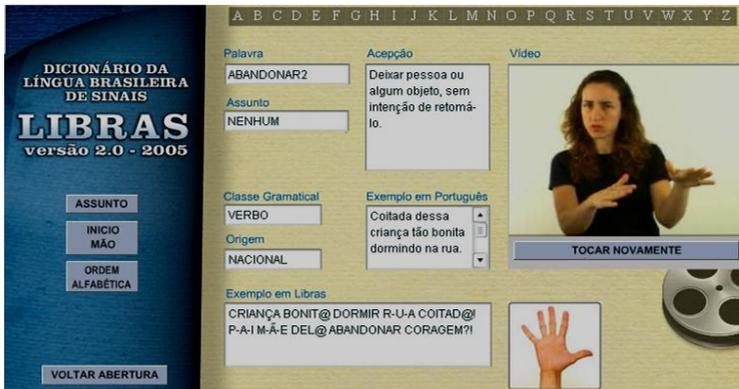


Figura 27: O sinal realizado com duas mãos no espaço neutro

2- sinais produzidos em contato com o corpo:

- com uma mão na altura do rosto, conforme a Figura 28 abaixo:

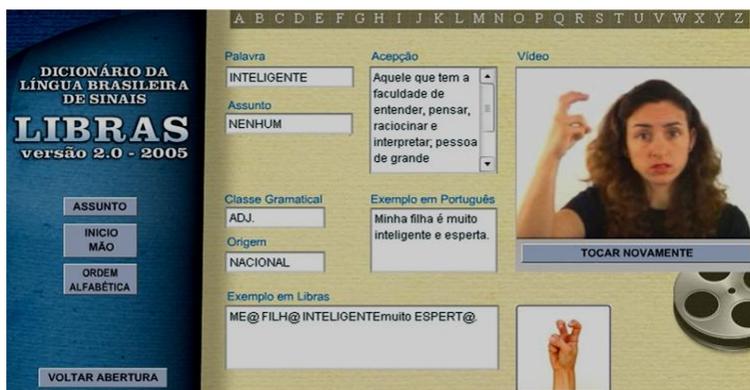


Figura 28: O sinal INTELIGENTE

- com uma mão na altura do peito, conforme a Figura 29 abaixo:

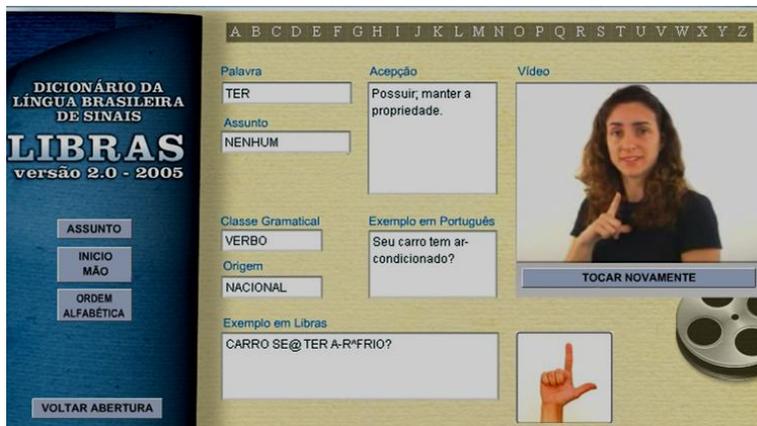


Figura 29: O sinal TER

A discussão acima sobre o *corpus* desta pesquisa abordou as características gerais de cada dicionário: a sua contextualização histórica, a sua organização geral, a representação da forma dos sinais documentados, e alguns exemplos de como os sinais aparecem em ilustrações, fotos e vídeos. Analisando esses diferentes aspectos, encontramos problemas que precisam ser considerados e, na medida do

possível, contornados para a análise da mudança linguística na Libras. Na próxima seção, então, discutiremos os principais problemas de documentação identificados, e na seção subsequente, trataremos dos procedimentos metodológicos e das soluções que elaboramos para que a análise da mudança linguística seja viabilizada.

### 3.2.4. Problemas de Analisabilidade do *Corpus*

A partir da análise das características dos dicionários, foram encontrados alguns problemas de documentação lexicográfica que devem ser apontados, pois dificultam a tarefa de análise da mudança linguística: os significados dos sinais na Libras, a nitidez e a representação do movimento nos desenhos e nas fotos, as descrições verbais sobre a forma de realização dos sinais, as entradas dos sinais em sua forma de menção e a prática de glosagem.

Estes problemas podem ser atribuídos ao fato dos dois primeiros dicionários, de *Iconographia* e de Oates, terem sido produzidos por pessoas apaixonadas pela língua de sinais e comprometidos com a Educação de Surdos, porém sem conhecimento lexicográfico para a elaboração dos dicionários. No caso do terceiro dicionário, do INES, nota-se uma melhoria significativa em relação aos anteriores, porém ainda se faz necessária uma atualização para correção de aspectos tais como: a configuração de mão errada de um determinado sinal, a ausência de algumas frases em Libras, a origem de um determinado sinal regional. Além disso, faz-se necessário também acrescentar novas entradas de sinais, explorar mais as diferentes nuances de significados dos sinais em diferentes contextos, e definir uma forma de menção mais padronizada para as entradas dos sinais.

Conforme mencionado, porém, os principais problemas foram encontrados em *Iconographia* e em Oates, já que são dicionários produzidos numa época em que o estatuto linguístico da Libras ainda era muito problemático. Nesses dicionários, a apresentação do léxico é feita por meio de sinais isolados e os conceitos dos sinais e seus significados estão fora de qualquer contexto. A falta de nitidez dos desenhos e das fotos causa dificuldade para a descrição de algumas formas de sinais desenhadas, como a configuração da mão, o movimento (i.e. o tipo e a repetição do movimento) e a orientação da palma, pois, presas a duas dimensões e estáticas, não apresentam clareza/nitidez. Essa dificuldade de compreensão dos desenhos e das fotos parece ter sido prevista pelos autores, que acrescentam – em algumas estampas da *Iconographia* e em

todas as páginas do Oates – descrições verbais sobre como realizar alguns sinais. Mesmo com essas descrições, porém, algumas dificuldades na identificação dos sinais permanecem.

Em respeito à forma de menção ou de citação, a maioria das entradas dos sinais dos três dicionários, principalmente do INES, não apresentam como forma de menção a repetição do movimento do sinal. Tendo sido filmados, na maioria das vezes os sinais são produzidos com várias repetições do movimento. Considerando a dificuldade de análise sobre a mudança dos sinais em termos da repetição do movimento, o aspecto mais analisado em termos de mudança do movimento foi o tipo do movimento, ao invés da sua repetição.

Passemos então a considerar os problemas peculiares que afetam cada dicionário.

Em *Iconographia* algumas dificuldades que atrapalham a análise aparecem nas estampas ordenadas em números romanos, que contêm descrições verbais de como produzir estes sinais:

- nem todos os sinais apresentam descrições verbais, o que nos força a especular sobre como eles seriam produzidos a partir dos desenhos nem sempre nítidos e estáticos;

- no caso de sinais que parecem envolver composição, somente incluem-se descrições da primeira parte do sinal, e não da segunda;

- em alguns casos, é apresentada mais de uma glosa para um único sinal;

- em algumas descrições, sugere-se que seja necessário produzir um outro sinal (e.g. estampa II, figura 14, GUARDANAPO, onde se sugere realizar também o sinal TOALHA, e na figura 17, FACA, onde se sugere realizar um outro sinal, CANIVETE, que possui movimento diferente);

- no caso de sinais antônimos, sugere-se que o sinal com sentido negativo (e.g. DESOBEDIENTE, estampa XI) seja precedido de seu antônimo, com sentido positivo (e.g. OBEDIENTE), conforme mostra a Figura 30 abaixo:

## Adjectivos (qualidades moraes).

- Fig. 2. —Preceder o signal n. 1.  
 Fig. 5. —Elevâr e abaixar um pouco 2 ou 3 vezes as mãos.  
 Fig. 6. —Bater ligeira e fortemente os indicadores um contra



Figura 30: Representação do sinal DESOBEDIENTE, com descrição verbal dos sinais na Estampa XI, e desenho do sinal na Estampa 11.

Podemos observar que a estampa XI não contém a descrição verbal da figura 1 da Estampa 11, OBEDIENTE, mas somente uma descrição da figura 2, DESOBEDIENTE, que curiosamente remete à figura 1. Assim, torna-se difícil recuperar com precisão a forma de ambos os sinais.

Em Oates, o principal problema identificado é a aparente preocupação do autor de que as formas dos sinais sempre sejam realizadas com as configurações de mão derivadas das letras do alfabeto manual, principalmente as letras A, B, C, D, G, L e U. Por exemplo, BEBER é realizado com a configuração de mão referente à letra A; HOMEM, à letra C; ENCONTRAR, à letra D; FACA, à letra U. Vejamos alguns exemplos na Figura 31 abaixo:



Figura 31: O sinal BEBER em Oates e no Dicionário Digital.

Nesta Figura, sinais como BEBER são produzidos a partir da letra A do alfabeto manual. Sabemos, porém, que o sinal BEBER é realizado com o dedão estendido, diferentemente da letra A do alfabeto, conforme a imagem tirada do dicionário do INES. Ocorre que a configuração de mão de BEBER não consta no alfabeto manual, assim como inúmeras outras configurações de mão produtivas das línguas de sinais. Parece, portanto, que o autor considerava a Libras uma forma de comunicação subordinada à Língua Portuguesa, pois assumia que somente as configurações de mão do alfabeto manual poderiam servir de base para a formação de sinais, o que não é verdadeiro.

Este problema dificulta a comparação dos sinais, pois percebe-se que nos dois outros dicionários, a *Iconographia* e o digital do INES, as formas dos sinais são produzidas de modo mais natural, utilizando configurações de mãos próprias da Libras, que podem *ou não* ser derivadas do alfabeto manual. Se seguíssemos fielmente a descrição das formas dos sinais com as configurações de mãos que Oates propõe, com certeza multiplicaríamos o número de ocorrências incluídas na categoria de sinais em mudança fonológica.

Por fim, um último problema identificado no *corpus* foi a prática de glosagem. Tendo em vista que os sinais são quase sempre indexados com base na glosa em Português, e não nas características fonológicas

da própria Libras, a recuperação dos sinais nos três dicionários precisava ser feita a partir das glosas.

Na Linguística, as glosas servem para a representação morfológica dos dados de uma língua desconhecida, servindo como ponte entre os dados originais da língua e a tradução para a língua em que o texto é produzido, na forma de transcrições interlineares. No caso do estudo de línguas de sinais, a ausência de um sistema de escrita faz com que muitas vezes as glosas sejam a única forma de representação gráfica dos sinais, e esse fato tem criado muita confusão na área, entre outras razões pelo fato de um mesmo sinal ser representado por diferentes glosas do Português em diferentes contextos e obras.

Na comparação dos três dicionários, por exemplo, foram encontrados sinais que aparecem com uma glosa X, num dicionário, e uma glosa Y, em outro dicionário. Em outros casos, sinais diferentes aparecem nos dicionários com a mesma glosa. Essas situações revelam que a glosagem foi feita de forma bastante intuitiva, com base no sentido do sinal em determinado contexto, o que dificulta bastante a comparação entre os sinais dos três dicionários: como saber que duas entradas distintas, com glosas distintas, podem se referir a um mesmo sinal? Como saber qual foi a glosa escolhida para representar um dado sinal em outro dicionário?

McCleary e Viotti (2007) refletem criticamente sobre o uso de glosas na transcrição da Libras em seu trabalho sobre constituição de *corpus* em Libras. Considerando o problema dos trabalhos da área em inventar uma glosa para o sinal dependendo de cada contexto, os autores propõem que seja fundamental que cada glosa seja vinculada a um único sinal, com sentido aproximado. Sem um conhecimento linguístico, porém, tais considerações não foram incorporadas na documentação dos sinais na *Iconographia* e em Oates.

O dicionário do INES também apresenta alguns problemas de glosagem com relação à semântica da Libras. A associação de palavras do Português aos sinais da Libras, por meio da glosagem, faz com que, em algumas entradas, sinais distintos sejam agrupados sob uma única entrada, como é o caso, por exemplo, de COLHER, BEBER, GRANDE, COMPRIDO, CURTO. Nestes casos, as glosas são acompanhadas de números entre parênteses, o que sugere diferentes acepções de uma mesma palavra, porém não podemos esquecer que as entradas são formadas por palavras do Português, não da Libras. Por exemplo, a entrada para BEBER envolve cinco sinais, dependendo de qual objeto é utilizado para beber: com copo, com canudo, com xícara, etc. Tal análise nos permite observar que os números entre parênteses, na

verdade, não revelam diferentes acepções de um sinal, isto é, a sua polissemia, mas sim as várias traduções possíveis de uma palavra do Português (representada pela glosa) para a Libras.

Há outro tipo de problema do uso da glosagem nos dicionários, onde aparecem as duas entradas de uma mesma glosa, sendo que cada entrada corresponde a um sinal de cada dicionário. Por exemplo, VER (1) corresponde em Oates, página 76, a VER (2), na *Iconographia*, estampa 16. Outra glosa, NOITE (1) corresponde em Oates, página 243, a NOITE (2), da *Iconographia*, estampa 17.

Diante dos problemas de analisabilidade do *corpus* encontrado, foi necessário elaborar critérios para seleção de sinais da *Iconographia* passíveis de comparação com os demais dicionários, de modo a viabilizar a descrição e análise comparativa dos sinais. Assim, foram excluídos da base de comparação na *Iconographia*:

- a. sinais como ARDÓSIA, TINTUREIRO, AREIEIRO, na Estampa 4, que não aparecem nos outros dois dicionários possivelmente porque entraram em desuso;
- b. entradas que contêm mais do que um sinal e/ou mais do que uma glosa, como OVOS FRITOS, PÃO TORRADO COM MANTEIGA, na Estampa 2;
- c. sinais que parecem ser compostos, mas cujas unidades constituintes não são evidentes, como INSTRUÍDO, SINCERO, SENSATO, na Estampa 11;
- d. sinais que acabam sendo repetidos em mais de uma estampa, apesar do uso de glosas distintas, como GARRAFA e BOTELHA, na Estampa 3; RAPAZ e MOÇO, nas Estampas 6 e 9; ESPERAR, nas Estampas 14 e 15; DESEJAR e QUERER, nas Estampas 15 e 16; ADVERTIR e REPREENDER, nas Estampas 14 e 15. Nesses casos, optou-se por apresentar os sinais com mais de uma glosa incluindo uma das glosas entre parênteses no quadro comparativo, como por exemplo: MOÇO (RAPAZ = ESTAMPA 6);
- e. Entradas constituídas por interjeições, cujo estatuto linguístico não é claro, como OH!, AH!, OH, TERROR!, OH, DOR!, na Estampa 20.

Desse modo, de um total de 382 sinais da *Iconographia*, foram dispensados 87 sinais de acordo com os critérios acima, além dos sinais inexistentes no Oates e/ou no INES. Como resultado, o levantamento dos sinais em cada par de dicionários resultou nas seguintes possibilidades de comparação no Quadro 1:

<b>SINAIS</b>	<b><i>Iconographia</i> x Oates</b>	<b>Oates x INES</b>	<b><i>Iconographia</i> x INES</b>
Analizados	<b>251</b>	<b>243</b>	<b>287</b>
Excluídos	131	139	95
<b>TOTAL</b>	<b>382</b>	<b>382</b>	<b>382</b>

Quadro 1: A contagem final dos sinais dos três dicionários

Cabe ainda destacar, dentre os sinais “excluídos”, o número de sinais dispensados devido aos problemas acima apontados e o número de sinais excluídos por serem inexistentes no Oates e no INES no Quadro 2:

<b>SINAIS</b>	<b><i>Iconographia</i> x Oates</b>	<b>Oates X INES</b>	<b><i>Iconographia</i> X INES</b>
Dispensados	87	87	87
Inexistentes	44	52	8
<b>Total</b>	<b>131</b>	<b>139</b>	<b>95</b>

Quadro 2: Os sinais excluídos do *corpus*

Pela observação deste quadro, percebemos que há um número razoável de sinais da *Iconographia* que não se encontram em Oates. Por isso, optamos por realizar também o levantamento e a comparação da *Iconographia* com o dicionário do INES, apesar de grande diferença de séculos que os separa. Essa estratégia se mostrou vantajosa, pois recuperamos cerca de quarenta novos sinais que puderam ser comparados com relação às tendências de mudança na Libras.

Eliminados os principais obstáculos metodológicos para a análise, constituímos então o nosso *corpus* para a análise comparativa e discussão dos dados em busca de tendências de mudança fonológica e lexical da Libras. A seção a seguir trará então algumas considerações metodológicas finais sobre os procedimentos de análise, bem como soluções para alguns dos problemas de documentação lexicográfica dos dicionários acima apresentados.

### 3.3. Procedimentos e Soluções Metodológicas para a Análise dos Dados

Diante do presente *corpus*, e considerando os problemas de análise acima descritos, apresentamos agora os procedimentos metodológicos para a tarefa de comparação das formas dos sinais nos três dicionários:

1º procedimento: considerando a glosa associada a um dado sinal na *Iconographia*, busca-se uma glosa idêntica nos outros dicionários. Se a forma dos sinais associados a essa glosa permanecer a mesma, não apresentando nenhuma mudança, trata-se de um sinal que não sofreu mudança (e.g. BEBER);

2º procedimento: quando as formas dos sinais associados a uma determinada glosa envolverem alguma mudança nos seus parâmetros constitutivos, logo é analisado qual destes parâmetros se modificou (i.e. a configuração de mão, o movimento, a locação, ou a orientação da palma), caracterizando um sinal que sofreu mudança fonológica (e.g. CARNE);

3º procedimento: quando as formas dos sinais associados a uma determinada glosa não tiverem qualquer relação notável, assume-se que estamos diante de um caso de mudança lexical. Neste caso, a notação dos sinais no quadro comparativo envolverá a inclusão de números subscritos para marcação da distinção entre os sinais (e.g. CAFÉ<sub>1</sub> e CAFÉ<sub>2</sub>);

4º procedimento: quando uma determinada glosa da *Iconographia* não for encontrada em outro dicionário, busca-se uma glosa que seria um possível sinônimo do Português, e observa-se se o sinal associado a essas diferentes glosas seria o mesmo ou não. Se a forma dos sinais for idêntica, trata-se de sinais que não sofreram mudança (e.g. RELIGIOSA e FREIRA, HIPÓCRITA e FINGIR); se a forma dos sinais envolve diferenças em um ou outro parâmetro, trata-se de um sinal que sofreu mudança fonológica (e.g. ATIVO e AGITADO); e se a forma do sinal for totalmente distinta, trata-se de um caso de mudança lexical (e.g. AGUARDENTE e CACHAÇA). Nos dois primeiros casos, quando um mesmo sinal aparece com diferentes glosas, optou-se por incluir no quadro comparativo uma das glosas entre parênteses, acompanhada do sinal “=” (e.g. FREIRA (=RELIGIOSA));

5º procedimento: nos casos de as glosas da *Iconographia* claramente apresentarem um sentido distinto do que a mesma palavra do Português teria hoje (já que a própria Língua Portuguesa também se modificou ao longo dos séculos), busca-se identificar qual seria a palavra atual do Português que corresponderia àquele sentido. Essa observação ficou mais evidente nas Estampas que apresentam pares de antônimos, pois é inevitável o estranhamento de alguns pares apresentados na *Iconographia* (e.g. RELACHADO e CORAJOSO,

SÓBRIO e GULOSO). Nesses casos, a apresentação de sinais em pares antônimos, juntamente com o conhecimento intuitivo do analista sobre os sinais da Libras, facilitou a identificação de outras possíveis glosas correspondentes às apresentadas na *Iconographia*: RELACHADO na verdade diz respeito a MEDO; e SÓBRIO diz respeito a SATISFEITO.

Por fim, se não for possível localizar um sinal por meio da glosa que consta na *Iconographia*, tampouco por meio de uma glosa sinônima, conclui-se que o sinal não consta nos dicionários de Oates e INES e, portanto, será considerado inexistente.

Sintetizando essa discussão, o quadro comparativo dos sinais envolverá as seguintes notações para os diferentes tipos de casos encontrados no Quadro 3:

		G L O S A	
		IDÊNTICA	DISTINTA
S I N A L	IDÊNTICO	PÃO	FREIRA (= RELIGIOSA)
	DISTINTO	CAFÉ <sup>1</sup> e CAFÉ <sup>2</sup>	AGUARDENTE /CACHAÇA

Quadro 3: As formas de sinais e suas glosas

O quadro acima segue as orientações metodológicas de McCleary e Viotti (2006), que propõem a necessidade de se convencionar uma única glosa para cada sinal. Essa recomendação é naturalmente seguida nos casos de sinais idênticos com glosas idênticas (e.g. PÃO), e no caso de sinais distintos com glosas distintas (e.g. AGUARDENTE e CACHAÇA). Nos demais casos, onde glosas diferentes são atribuídas a um mesmo sinal, uma das glosas é incluída entre parênteses, acompanhada do sinal “=” (e.g. FREIRA (= RELIGIOSA)), e onde sinais diferentes são atribuídos a uma única glosa, números subscritos são acrescentados à glosa para marcar a sua diferenciação (e.g. CAFÉ<sub>1</sub> e CAFÉ<sub>2</sub>).

Além desses procedimentos, soluções para os problemas de analisabilidade do *corpus* foram buscadas a fim de viabilizar o trabalho de análise comparativa entre os sinais dos três dicionários com maior cautela.

1 - Soluções para o problema das formas de sinais e suas glosas:

1a- *Iconographia*:

- sinais ilustrados que não apresentam clareza na configuração da mão, movimento ou orientação da palma serão acompanhados do código (\*) no quadro comparativo. Nesses casos, a comparação exige um apoio maior sobre a percepção intuitiva dos sinais pelo analista;
- sinais sem as descrições verbais sobre como realizá-los serão acompanhados do código (#) no quadro comparativo;
- sinais que aparecem representados pela ilustração e descritos verbalmente são considerados, e desconsiderar o sinal que é sugerido, mas que não aparece na figura nem na descrição;
- descrições verbais que sugerem a produção de outro sinal, além daquele que está representado na ilustração, são ignoradas em favor do sinal ilustrado;
- sinais que têm duas glosas serão buscados nos outros dicionários por meio de uma de duas glosas, optando-se por aquela que mais aparece nesses outros documentos. A glosa escolhida é marcada em negrito (e.g. CRIANÇA, **FILHO**, na Estampa 6).

2- Soluções para o problema da interferência do Português na Libras:

2a- Em Oates:

- sinais produzidos com as configurações das mãos que obedecem criteriosamente às letras do alfabeto manual serão comparados com as configurações de mãos dos sinais nos outros dois dicionários. Em caso de similaridade formal, as especificidades da configuração do alfabeto manual serão desconsideradas.

2b- No dicionário do INES:

- entradas que envolvem diferentes sinais agrupados sob uma única glosa deverão ser analisadas em busca do sinal mais aproximado semanticamente ao sinal da *Iconographia*;
- quando a entrada envolver dois sinais, sendo um deles formado por soletração manual, será escolhido para análise prioritariamente o sinal não soletrado (e.g. SAL, LOBO).

Utilizando-se dos procedimentos e soluções metodológicos acima descritos, a próxima etapa da pesquisa apresentada será a análise comparativa, que envolverá uma descrição da forma dos sinais e a comparação entre os dicionários, de modo a identificar as principais tendências de mudança na Libras. Essas tendências revelam restrições linguísticas na evolução dos sinais que caminham na direção de uma maior arbitrariedade (i.e. perda de iconicidade), como a simetria, o deslocamento da locação, a passagem do conteúdo lexical do corpo para as mãos, a assimilação, a deleção, que serão estudados no próximo capítulo.

### 3.4. Conclusão

A pesquisa documental dos três dicionários de Libras produzidos em épocas distintas nos levou a desenvolver um método investigativo específico para trabalhar com esse *corpus*, em particular devido aos problemas de documentação desses dicionários.

Estes problemas foram discutidos na seção sobre os problemas de analisabilidade do *corpus*, onde abordamos a proposta de cada dicionário para a organização e documentação lexicográfica, a relação entre sinal e seu significado, as formas de representação do sinal por meio de ilustrações, fotos e vídeos, as descrições verbais sobre como os sinais são realizados, os critérios para apresentação da forma de menção e a prática de glosagem.

Para viabilizar a análise comparativa dos sinais diante desses problemas, foi necessário elaborar estratégias que permitissem selecionar o *corpus* a partir do material bruto dos três dicionários, procedimentos metodológicos para análise comparativa e soluções metodológicas para minimizar os problemas de documentação lexicográfica dos dicionários.

A análise dos dicionários mostra claramente uma evolução no desenvolvimento dos dicionários de Libras no Brasil, que pode ser explicada por fatores tais como as tecnologias disponíveis para a documentação lexicográfica e a visão social sobre a Libras. No que diz respeito ao primeiro fator, a característica visual e dinâmica da produção dos sinais, aliada à carência de uma escrita de sinais consolidada, faz com que os vídeos (e.g. no INES) se mostrem superiores às fotos (e.g. em Oates), e as fotos superiores às ilustrações (e.g. na *Iconographia*), quando pensamos em possibilidades tecnológicas para a representação da forma dos sinais em dicionário. No que diz respeito ao segundo fator, a evolução de nosso conhecimento acerca do estatuto linguístico das

línguas de sinais e da sua relação com a Língua Portuguesa também se coloca como um aspecto central para a qualidade da documentação lexicográfica, se refletindo em documentos que, por apresentarem diferentes níveis de interferência do Português na Libras, acabam comprometendo um entendimento pleno a respeito da forma e do significado dos sinais.

Essa reflexão não deve ser interpretada como uma crítica negativa aos dicionários. Pelo contrário, trata-se de documentos de grande valor cultural e científico para a comunidade surda, produzidos na maioria dos casos por iniciativas individuais de pessoas comprometidas com a Educação de Surdos. Como explicado acima, as características de cada dicionário revelam claramente os diferentes períodos históricos e sociais em que eles foram produzidos, e, nesse sentido, podemos pensar que o futuro nos reservará dicionários de Libras cada vez com maior qualidade.

## 4. Análise Documental da Pesquisa

### 4.1. Introdução

Com o método desenvolvido a partir dos procedimentos metodológicos e das soluções, trabalhamos nesta seção a análise comparativa na primeira etapa, levantando e comparando as formas de sinais para distribuí-las na classificação das três categorias de sinais. Se encontrar, as entradas das formas de sinais nestes três dicionários que permaneceram as mesmas até os dias de hoje são classificadas como *sinais idênticos*. As entradas das formas de alguns sinais que sofreram mudança fonológica são classificadas como *sinais em mudança fonológica*. As entradas das formas de sinais que sofreram mudança lexical, com mesmo significado, são *sinais em mudança lexical com mesmo significado*.

Além da análise das formas dos sinais no processo de mudança, observamos também uma pequena mudança no alfabeto manual que aparece na primeira página nos três dicionários. Na *Iconographia*, consta a estampa I referente ao alfabeto manual de vinte e seis letras no qual houve pequena mudança fonológica – alguns traços paramétricos: configuração da mão na letra Q e movimento nas letras H, K, X e Y no qual não aparecem as setas que indicassem movimento. Em Oates, aparece o alfabeto que permanece semelhante até nos dias de hoje, apenas uma letra H sofreu mudança fonológica, a configuração de mão. No dicionário do INES, o alfabeto é idêntico ao dos dias de hoje.

Nestas três categorias de sinais, de um lado, a maioria das entradas das formas dos sinais é acompanhada pelas glosas idênticas nos três dicionários, o que possibilitou o trabalho da análise buscando os sinais para classificar se o sinal é idêntico, mudado sob parte fonológica ou lexical. Por outro lado, porém, há algumas entradas das formas dos sinais, as suas glosas distintas, que dificultam bastante este trabalho. Apesar desta dificuldade, é nossa intenção recuperar estes sinais, então continuamos este trabalho por meio das estratégias apresentadas no capítulo da metodologia.

No caso das entradas das formas dos sinais com glosas distintas, se compararmos as formas dos sinais idênticas com as glosas distintas, não haveria problema, pois a prioridade é dada às formas dos sinais, mais do que às glosas. Ao compararmos as formas dos sinais em mudança fonológica e lexical, são levantadas e analisadas com cautela as outras formas de sinais com as glosas distintas nestes três dicionários,

por meio das palavras em sinônimos. Em vista disso, estes sinais são recuperados para que sejam estudados no processo da mudança.

Com relação aos sinônimos, no dicionário *Linguagem das Mãos*, de Oates, há descrição de uso do sinal referente ao lado do sinal fotografado, e também são mostradas as outras palavras em sinônimo, que é outro ponto favorável para esta análise. Nestes casos, glosas distintas podem aparecer no quadro geral da análise comparativa, organizado para melhor visualização (veja em Anexo).

Nesta análise comparativa começamos com a descrição de dados de cada categoria e, em seguida, a discussão dos resultados destes dados para entender os processos da mudança na Libras.

## 4.2. Análise Comparativa dos Dados

### 4.2.1. Sinais Idênticos

Na primeira categoria, são agrupados os sinais permanentemente idênticos, mesmo atravessando as três épocas distintas. Apresentamos os três exemplos de sinais idênticos das estampas 3, 4 e 5 da *Iconographia*, comparados com Oates e INES. Veja a Figura 32 abaixo:

GLOSA	ICON.	OATÉS	INES
Est. 3			
BEBER			
	BEBER	BEBER	BEBER
Est. 4			
CARTA			

			
	CARTA	CARTA	CARTA
Est. 5			
ESPELHO			
	ESPELHO	ESPELHO	ESPELHO

Figura 32: Os sinais idênticos com as glosas idênticas

Há algumas entradas das formas dos sinais idênticas com as glosas distintas, porém com mesmo significado. Mostramos um exemplo na estampa 6 da *Iconographia*. Veja Figura 33:

GLOSA	ICON.	OATES	INES
Est. 6			
RELIGIOSA			
	RELIGIOSA	FREIRA (= RELIGIOSA)	FREIRA (= RELIGIOSA)

Figura 33: Os sinais idênticos com glosas distintas

Observamos que estas entradas da forma de um sinal são idênticas, e em Oates e no dicionário do INES aparece a glosa distinta, embora com mesmo significado.

Os sinais idênticos citados acima são comparados pelos três dicionários, indicando que estes sinais permaneceram os mesmos em três épocas distintas. Há outros sinais idênticos que aparecem somente em dois dicionários, e no outro dicionário foram mudados em aspectos fonológicos ou lexicais.

1- Da comparação da *Iconographia* com o Oates, foram agrupados os sinais idênticos no total de 37 sinais. Veja o exemplo de um sinal na Figura 34:

GLOSA	ICON.	OATES	INES
Est. 6			
LIVRO			
			
	LIVRO	LIVRO	

Figura 34: O sinal LIVRO idêntico nos dois primeiros dicionários

Observa-se que este sinal LIVRO foi idêntico nos dois dicionários, *Iconographia* e Oates, e podemos dizer que no dicionário do INES possivelmente sofreu mudança fonológica, porém esse é um exemplo típico de caso que está na fronteira entre mudança fonológica e mudança lexical, que será discutida na outra seção.

2- Na comparação de Oates com INES foram agrupados no total 91 sinais. Veja o exemplo de um sinal na Figura 35:

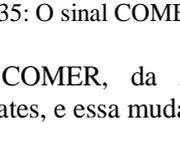
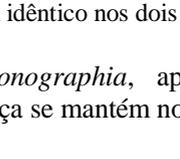
GLOSA	ICON.	OATES	INES
Est. 2			
COMER			
			
	COMER	COMER	COMER

Figura 35: O sinal COMER idêntico nos dois últimos dicionários

O sinal COMER, da *Iconographia*, apresenta a mudança fonológica em Oates, e essa mudança se mantém no INES.

3- Da comparação da *Iconographia* com o dicionário do INES, foram agrupados no total 31 sinais. Veja o exemplo de um sinal na Figura 36:

GLOSA	ICON.	OATES	INES
Est. 15			
DORMIR			
	DORMIR	DORMIR	DORMIR

Figura 36: sinal DORMIR idêntico nos dicionários *Iconographia* e INES

Percebe-se que este sinal DORMIR é idêntico em *Iconographia* e INES e em Oates este sinal teve alteração em um dos traços linguísticos, a configuração de mão. Mostramos este caso na outra seção discutindo sobre a seleção dos sinais para representar a ideia de um significado pelos autores destes três dicionários.

#### 4.2.2. Sinais em Mudança Fonológica

São apresentados na segunda categoria, os sinais em mudança fonológica, cujos traços linguísticos sofreram pequena mudança em parâmetros fonológicos: a configuração de mão (CM), o movimento (MOV), a locação (LOC), a orientação da mão (OP). Mostramos os exemplos de um sinal dos três dicionários para cada parâmetro fonológico que foi alterado no decorrer do tempo. Veja a Figura 37 abaixo:

##### a- Mudança pela CM:

GLOSA	ICON.	OATES	INES
Est. 2			
FACA			
	FACA <sup>1</sup>	FACA <sup>2</sup>	FACA

Figura 37: A mudança da forma do sinal FACA pela CM em cada dicionário

A CM desta forma de sinal teve mudança gradual nas duas mãos nos três dicionários.

b- Mudança pelo MOV:

GLOSA	ICON.	OATES	INES
Est. 2			
OVOS			
	OVOS	OVOS	OVOS

Figura 38: A mudança da forma do sinal OVOS pelo movimento

Esta forma de sinal é produzida a partir do movimento de quebrar os ovos com as mãos, que teve pequena mudança nestes dicionários.

c- Mudança pela LOC:

GLOSA	ICON.	OATES	INES
Est. 3			
COPO			
	COPO	COPO	COPO

Figura 39: A mudança da forma do sinal COPO

Este sinal passou por um processo de mudança locativa, mantendo a mesma CM nos três dicionários, que será discutida na outra seção.

d - Mudança pela OP:

GLOSA	ICON.	OATES	INES
Est. 2			
CARNE			
	CARNE	CARNE	CARNE

Figura 40: A mudança da forma do sinal CARNE pela OP e também pela CM

Por um lado, observamos que esta forma de sinal sofreu mudança fonológica em dois parâmetros: a CM e a OP. Por outro lado, é possível que possamos olhar sob outro ponto de vista, como variação regional, que será discutida na outra seção.

Além das formas de sinais mostradas com as glosas idênticas, há algumas formas de sinais com as glosas distintas, conforme mostrado no exemplo:

GLOSA	ICON.	OATES	INES
Est. 2			
CAÇA			
	CAÇA	CAÇAR (=CAÇA)	CAÇA

Figura 41: A mudança da forma do sinal CAÇA com a glosa distinta pela CM

Esta forma de sinal com glosa distinta sofreu mudança no parâmetro CM nos três dicionários. No INES, este sinal ganhou uma CM na mão ativa, como a ação de atirar.

#### 4.2.3. Sinais em Mudança Lexical

Estão agrupados na terceira categoria, os sinais em mudança de item lexical com mesmo significado, transformado de sinal com velho conceito e forma antiga para sinal inovador com mesmo conceito, porém com nova forma. Apresentamos a forma do sinal com glosa distinta que sofreu mudança lexical nos três tempos. Veja a Figura 42 abaixo:

GLOSA	ICON.	OATES	INES
Est. 16			
PUNIR			
	PUNIR	CASTIGAR	CASTIGAR

Figura 42: A mudança da forma do sinal PUNIR em três épocas

Estes sinais foram comparados pelo sinônimo nas glosas, apesar de serem distintas, inclusive as formas de sinais distintas.

Há outros sinais com formas distintas com as glosas idênticas por meio de números subscritos, exemplo CAFÉ<sup>1</sup> e CAFÉ<sup>2</sup>. Exemplos desses sinais nos três momentos são apresentados a seguir:

1- Da comparação da *Iconographia* com Oates, foram agrupados no total 49 sinais. Veja o exemplo de um sinal na Figura 43:

GLOSA	ICON.	OATES	INES
Est. 6			
CAFÉ			
	CAFÉ <sup>1</sup>	CAFÉ <sup>2</sup>	CAFÉ

Figura 43: A mudança lexical do sinal CAFÉ nos dois primeiros dicionários

Na comparação entre os dicionários *Iconographia* e Oates, este sinal CAFÉ ganhou a nova forma lexical, porém com mesmo significado. No INES, percebe-se que este sinal do Oates apenas perdeu uma mão passiva.

2- Da comparação de Oates com o dicionário do INES foram agrupados no total 21 sinais. Veja o exemplo de um sinal na Figura 44:

GLOSA	ICON.	OATES	INES
Est. 16			
GORDO			
	GORD@	GORD@	GORD@

Figura 44: A mudança lexical desta forma de sinal GORD@

Observamos este sinal nos dois últimos dicionários, Oates e INES, que apresentou a mudança lexical, enquanto era sinal idêntico na *Iconographia* com o Oates.

3- Da comparação da *Iconographia* com o dicionário do INES, foram agrupados no total 73 sinais. Veja o exemplo de um sinal na Figura 45:

GLOSA	ICON.	OATES	INES
Est. 6			
MESA	 MESA	 MESA	 MESA
		 MESA	

Figura 45: A mudança desta forma do sinal MESA na *Iconographia* com INES

Na comparação deste sinal entre os dicionários de Oates com o do INES, a forma deste sinal teve mudança lexical.

### 4.3. Tendências de Mudança na Libras

Com esta análise comparativa realizada, identificamos os tipos de tendências que ocorreram no processo histórico da mudança da ASL na pesquisa da Libras. Os tipos identificados nos três dicionários que tendem na mudança da Libras são: simetria de duas mãos, deslocamento locativo, conteúdo lexical para as mãos, assimilação, deleção de uma mão de sinais de duas mãos, deleção de uma parte do sinal composto.

#### 4.3.1. Simetria de Duas Mãos

Na simetria de sinais de duas mãos, veja a Figura 46:

GLOSA	ICON.	OATES	INES
Est. 2			
FACA			
	FACA <sup>1</sup>	FACA <sup>2</sup>	FACA

Figura 46: A mudança simétrica desta forma do sinal FACA em três épocas

Observa-se que a forma do sinal FACA inicialmente era sinal icônico, com a imitação da ação de cortar o alimento, no qual passou o conteúdo lexical para as mãos no dicionário de Oates, porém com duas mãos não idênticas. No dicionário do INES é considerado o sinal arbitrário de duas mãos idênticas e somente uma mão é ativa.

Há outros sinais de duas mãos que passaram à mudança simétrica, de ambas as mãos com a mesma CM. Portanto, apresentou o menor número de simetria na Libras, pois estes sinais de duas mãos de uma CM foram modificados para outra CM em ambas mãos, seguindo umas das restrições básicas, a condição de simetria.

#### 4.3.2. Deslocamento Locativo

O deslocamento locativo ocorre quando a forma de um sinal tende a mudar a sua forma sobre o uso de uma ou duas mãos ou se desloca para outro lugar para manter a acuidade visual. Há dois tipos de deslocamento:

a- acima do pescoço:

a1- de duas mãos para uma mão, com os dois exemplos de sinais.

Veja a Figura 47:

GLOSA	ICON.	OATES	INES
Est. 2			
GUARDA- NAPO			
	GUARDANAPO	GUARDANAPO	GUARDANAPO

BURRO			
	BURRO	BURRO	BURRO

Figura 47: A tendência de duas formas de sinais de duas mãos para uma mão

Percebe-se nesta figura no qual as formas de dois sinais produzidos em contato com a face, que tendem a tornar sinais de uma mão, não causaria as implicações, pois na área da face apresenta a alta acuidade visual para a produção e a percepção de sinais.

a2 – uma mão deslocada do centro da testa para o lado periférico da cabeça, com dois exemplos de sinais. Veja a Figura 48:

GLOSA	ICON.	OATES	INES
Est. 12			
PENSAR			
	PENSAR	PENSAR	PENSAR
Est. 15			
SABER			
	SABER		
			
		SABER	SABER

Figura 48: A tendência de duas formas de sinais deslocadas para o lado periférico

b- abaixo do pescoço:

b1 – uma mão para duas mãos, com um exemplo de sinal. Veja a Figura 49:

GLOSA	ICON.	OATES	INES
Est. 2			
MACACO			
	MACACO	MACACO	MACACO

Figura 49: A tendência desta forma de sinal de uma mão para duas mãos

Observa-se que nesta forma de sinal na *Iconographia* era produzido abaixo do pescoço, que estava abaixo do espaço da acuidade visual, tendendo para o sinal de duas mãos no dicionário de Oates, sendo reforçada pela redundância. Nesta tendência de deslocamento abaixo do pescoço, ocorrem em alguns sinais de uma mão para duas mãos, geralmente são de condição de dominância.

b2 – centralização na linha da simetria bilateral, com dois exemplos de sinais. Veja a Figura 50:

GLOSA	ICON.	OATES	INES
Est. 8			
PAVÃO			
			
	PAVÃO	PAVÃO	PAVÃO

Est. 16			
REGOZI- JAR-SE		----- (não tem)	
	REGOZIJAR-SE		REGOZIJAR-SE

Figura 50: A tendência destas formas de sinais para a centralização simétrica

Nesta figura, percebe-se que a forma de sinal PAVÃO era produzida fora do alcance dos braços e no espaço da sinalização, baixando a acuidade visual. Este sinal foi transformado e produzido com a articulação dos braços fechados dentro da acuidade visual e da linha simétrica bilateral. Outra forma de sinal REGOZIJAR-SE foi deslocada do lado lateral para a centralização do peito em direção ao buraco do pescoço.

#### 4.3.3. Conteúdo Lexical para as Mãos

No outro tipo de tendência, o foco do conteúdo lexical para as mãos, com dois exemplos de sinais, a FACA na Figura 37 e a CADEIRA na Figura 51 abaixo:

GLOSA	ICON.	OATES	INES
Est. 5			
CADEIRA			
	CADEIRA	CADEIRA	CADEIRA

Figura 51: As formas de sinais com conteúdo lexical nas mãos

Observam-se nesta figura, as formas dos sinais que eram sinais altamente icônicos, imitando a ação corporal como FACA, com a ação de cortar algum alimento e CADEIRA com a ação de sentar, transportando esta ação com conteúdo lexical para as mãos, assim reduzindo de gesto icônico para o sinal arbitrário.

#### 4.3.4. Assimilação

É o tipo de tendência, no qual os sinais compostos se transformam para unitários, através da assimilação e flexibilidade, com dois exemplos de sinais. Veja a Figura 52:

GLOSA	ICON.	OATES	INES
Est. 3			
ÁGUA	ÁGUA 	 ÁGUA	 ÁGUA
	BEBER 		
Est. 14			
COM-PRAR			 COMPRAR
			

Figura 52: A transformação destas formas de sinais compostos para sinais unitários

Observamos que estas formas de sinais da *Iconographia* foram reduzidas, as CMs foram assimiladas e o movimento tornou-se uniforme. ÁGUA era produzido pelos dois sinais unitários: ÁGUA e BEBER, e foi combinado para um sinal singular com a CM da primeira parte que foi assimilada para segunda parte e o movimento semelhante

no mesmo local da segunda parte do sinal composto. A forma COMPRAR era produzida pelos dois sinais altamente icônicos: DINHEIRO e RECEBER, no qual os dois sinais foram juntados e transformou um sinal singular mais lexicalizado sob condição de dominância.

#### 4.3.5. Deleção de Uma Parte do Sinal Composto

Na deleção de uma parte do sinal composto, é deletada uma parte de alguns sinais compostos, com dois exemplos. Veja a Figura 53:

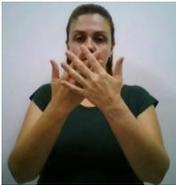
GLOSA	ICON.	OATES	INES
Est. 2			
PIMENTA			 PIMENTA
		 PIMENTA	
Est. 14			
CONFES- SAR		 CONFESSAR	 CONFESSAR
	 CONFESSAR		

Figura 53: A deleção de uma parte de sinais compostos

Neste tipo de deleção, percebemos que alguns sinais compostos perderam uma parte de sinal, se transformando para sinais singulares.

#### 4.3.6. Deleção de uma Mão de Sinal de Duas Mãos

No outro tipo da deleção, é deletada uma mão nos sinais de duas mãos, com dois exemplos de sinais. Veja a Figura 54:

GLOSA	ICON.	OATES	INES
Est. 3			
LEITE			
	LEITE	LEITE	LEITE
Est. 10			
NOVO			
			
	NOVO	NOVO	NOVO

Figura 54: A deleção de uma mão destas formas de sinais de duas mãos

Observa-se que estas formas de sinais de duas mãos perdem uma mão passiva, embora a informação lexical permaneça na mão ativa.

Na próxima seção, são discutidos os resultados destes dados sobre as categorias de sinais e os tipos de tendências no processo da mudança histórica da Libras, promovendo as reflexões para as possíveis explicações sobre as mudanças que influenciam a Libras.

#### 4.4. Discussão dos Resultados Referentes aos Dados das Categorias de Sinais

Após de descrição dos dados das três categorias de sinais nos três dicionários de sinais, partimos para a discussão destes dados que resultaram os casos interessantes para nossa reflexão sobre a Libras de antes e de hoje, em seguida:

Na categoria de sinais idênticos, algumas entradas das formas dos sinais são acompanhadas pelas glosas idênticas nos três dicionários que claramente mostram que estamos diante de um mesmo sinal, pelo fato de a forma desses sinais serem idênticas.

O importante é que devemos estar cientes nesta pesquisa do uso das CM em relação ao alfabeto manual. A forma de sinal BEBER em Oates deve ser considerada igual à CM dos outros dicionários. Algumas formas de sinais de Oates que tiverem as CM referentes ao alfabeto manual são consideradas semelhantes às outras CM dos outros dois dicionários por causa da influência do Português.

Outro caso interessante referente à organização lexicográfica nesta pesquisa é que percebemos um pequeno traço na organização lexicográfica nestes três sinais, como a regra da antecipação nas duas partes de um sinal. Em CARTA do INES, este sinal tem duas mãos, no qual uma segunda parte se antecipou na produção, revelando que CARTA já apresenta um caráter unitário típico das palavras compostas nas línguas de sinais.

Na categoria dos sinais em mudança fonológica, há algumas formas de sinais que sofreram a mudança em apenas um parâmetro e outros com mais de um dos parâmetros fonológicos.

A forma de sinal FACA apresentou o processo da mudança na CM, que antes era produzido pela ação de cortar o alimento com o instrumento. É possível que esta mudança transformou este sinal mais icônico neste caso, porque a CM de mão (em U) veio reforçar o objeto “faca”. Como resultado, o movimento continua mostrando iconicamente “como a faca corta”, mas, além disso, a CM veio mostrar como é “a forma da faca”. Observamos que o sinal em *Iconographia* e em Oates se identificou num tipo de conteúdo lexical para as mãos. No dicionário do INES este sinal se apresentou arbitrário e restrito, no qual seguiu a condição de simetria, ou seja, a mesma CM em ambas as mãos.

A forma do sinal COPO atravessou no processo da mudança locativa, mantendo a mesma CM nos três dicionários. Na *Iconographia* este sinal era produzido da forma manual com a mão direita, ou seja, a mão ativa dentro da outra mão passiva, como se fosse lavar o copo. Em

Oates, este sinal perde uma mão passiva, porém a sua informação lexical da CM permaneceu, mudando para a mão ativa, movendo em direção à boca. No dicionário do INES este sinal recuperou a mão passiva em outra CM.

Na categoria dos sinais em mudança lexical, foram mostrados alguns sinais que tiveram a nova forma de sinal, porém com mesmo significado.

Há outros sinais que podemos discutir ao mesmo tempo diante das duas últimas categorias, pois possivelmente atravessaram um processo de mudança de forma concomitante. Por exemplo, o sinal LIVRO foi sinal idêntico nos dois dicionários *Iconographia* e Oates e podemos dizer que no INES possivelmente sofreu a mudança fonológica ou seria a mudança lexical<sup>17</sup>. Neste caso, estamos num caso típico que é difícil saber se seria o sinal mudado fonológico ou sinal mudado lexical, pois temos evidências para duas coisas:

- evidência para sinal com mudança fonológica: a mão esquerda permanece idêntica, e só se modifica a mão direita pela posição;

- evidência para sinal com mudança lexical: o sinal LIVRO antigo iconicamente simula a ação de “abrir um livro”, enquanto o sinal LIVRO inovador simula a OUTRA ação, a de “folhear as páginas do livro”. Portanto, poderíamos pensar que LIVRO moderno é uma forma inovadora que entrou no lugar da forma antiga.

O caso em respeito ao uso da forma de sinal para representar a ideia de uma ação. Por exemplo, o sinal DORMIR é idêntico na *Iconographia* e no dicionário do INES e em Oates este sinal teve alteração em um dos traços linguísticos, a configuração de mão. Por outro lado, estes dois sinais são possíveis até hoje, então talvez seja o caso de ter mudança fonológica, e cada autor selecionou um sinal diferente para representar a ideia de DORMIR. Esse é um dos problemas dos dicionários, que se propõem a serem dicionários “de Libras”, mas na verdade são dicionários “Libras-Português”, pois eles não apresentam sinônimos dentro do próprio universo lexical da Libras.

---

<sup>17</sup> A distinção entre sinal mudado fonológico e sinal mudado lexical nem sempre é clara, e em alguns casos pode ficar ambíguo, com um possível fator que é a forte iconicidade dos sinais. Veja os dois exemplos do sinal LIVRO. Como os dois são fortemente icônicos, minha hipótese é a de que estamos diante de mudança lexical (substituição de um sinal inovador por um sinal antigo) e que a similaridade fonológica é uma coincidência decorrente da forte iconicidade no LIVRO da *Iconographia* e do Oates sendo utilizado, mas com uma mudança semântica: o sinal como significado “bíblia”.

Outro caso interessante é em relação ao sinal OVOS, no qual dá para perceber uma gradação na mudança fonológica. Primeiro, o sinal representava iconicamente apenas o movimento de bater os ovos, sem o movimento de quebrar. Depois, foi incluído um movimento de quebrar, após o movimento de bater, se assemelhando a um sinal composto (BATER + QUEBRAR). No INES, perde-se o movimento de “bater” e fica apenas o “quebrar”.

É um bom exemplo de como a mudança fonológica é gradual. Comparando *Iconographia* e o dicionário do INES, poderíamos pensar que é um caso de sinal com mudança lexical, mas comparando os três sinais, fica claro que é um caso de sinal com mudança fonológica.

Outro caso sobre a variação regional dos sinais foi o sinal CARNE que teve o processo da mudança pela CM e OP nas três épocas. Com a base da nossa intuição sobre a Libras, tanto o sinal que aparece em Oates quanto no dicionário do INES são variantes possíveis usadas hoje em dia (um possível caso de alofonia).

Nestas três categorias dos sinais, apresentamos o quadro dos números dos sinais em cada categoria. Veja o Quadro 4 abaixo:

<b>Categoria dos Sinais</b>	<b>Iconographia x Oates</b>	<b>Oates x INES</b>
Sinais idênticos	37	91
Sinais em mudança fonológica	165	131
Sinais em mudança lexical	49	21
TOTAL	251	243
Sinais Dispensados	131	139
TOTAL	382	382

Quadro 4: As três categorias dos sinais

Com este quadro, podemos visualizar que houve o aumento do número de sinais no processo de mudança fonológica em relação ao número dos sinais idênticos e em mudança lexical.

Na categoria dos sinais idênticos houve o aumento do número dos sinais na comparação dos dicionários *Iconographia* com Oates e Oates com o dicionário do INES. Isso mostra que houve a implementação de alguns sinais da *Iconographia* para a comunidade surda e foi intensificado quando foram utilizados com maior frequência os sinais idênticos entre Oates e INES.

Na segunda categoria dos sinais, houve a pequena redução nos sinais mudados na parte fonológica, pois seguiram as restrições no processo da mudança nas línguas de sinais em direção à arbitrariedade, como a simetria, o deslocamento locativo, o conteúdo lexical para as mãos, a assimilação, a deleção. A maioria dos sinais mudados é sujeita geralmente em dois dos parâmetros CM e M (somente os tipos dos movimentos, do que a repetição do movimento considerada como forma de menção).

Na terceira categoria, houve a redução nos sinais mudados lexicalmente sob mesmo significado, em contraste a sinais idênticos. Pela análise comparativa realizada, observamos que alguns sinais em Oates ganharam a nova forma de sinal, sendo mais frequentes nas comunidades surdas pela variação regional.

Na comparação entre os dicionários *Iconographia* e INES, foram recuperados os quarenta sinais, inexistentes em Oates, para serem analisados e identificados com tipos de tendências da mudança nas línguas de sinais.

O que é interessante nesta análise comparativa, a respeito dos sinais em mudança lexical do mesmo significado, quando for comparar uma forma do sinal da *Iconographia* com o dicionário do INES, é perceber a mudança lexical, mas este sinal foi transformado ao longo do processo da mudança fonológica que chega ao dicionário do INES parecendo ser um sinal com mudança lexical. Observem as Figuras 45 (MESA) acima e Figura 55 abaixo:

GLOSA	ICON.	OATES	INES
Est. 6			
COBRA	 COBRA	  COBRA	 COBRA

Figura 55: A forma transformada do sinal COBRA nos três dicionários

Observamos que estes sinais MESA e COBRA foram modificados na parte fonológica como substituição pela outra CM ou deleção de uma mão.

Existem alguns sinais comparados da *Iconographia* com o dicionário do INES que são idênticos ou semelhantes, mais do que *Iconographia* com Oates. Observe a Figura 56 abaixo:

GLOSA	ICON.	OATES	INES
Est. 6			
LÁPIS			
	LÁPIS	LÁPIS	LÁPIS

Figura 56: A forma do sinal LÁPIS idêntica em *Iconographia* e INES

É possível que alguns sinais em Oates sejam outras variantes regionais, uma vez que este autor fez coleta de sinais por alguns estados brasileiros através dos informantes surdos e ouvintes. E no INES manteve os sinais da *Iconographia* possivelmente na maior frequência pelos falantes surdos da comunidade surda do INES.

#### 4.5. Análise da Discussão na Libras

Os resultados da análise comparativa com as três categorias sobre os sinais no processo da mudança diacrônica da Libras nos levam a entender melhor a formação dos sinais nos dias de hoje em que alguns sinais permaneceram idênticos até nos dias de hoje e outros sinais atravessaram o processo da mudança histórica na parte fonológica e lexical. Para aprofundar este entendimento, foram identificados os tipos de tendência da mudança na Libras, a partir dos estudos do processo da mudança histórica da ASL. Assim, podemos tomar conhecimento sobre as restrições fonológicas que envolvem o desenvolvimento de sinais.

Nos sinais em mudança fonológica, vimos o maior número de sinais mudados que evidenciam a presença das restrições que foram construídas no processo longo e gradual da mudança na Libras, assim como nos estudos da mudança histórica da ASL por Frishberg (1975) e Battison (1974). Podemos presumir que quanto mais frequente o uso de um sinal, maior a tendência de ele mudar.

Sabemos a influência do uso da LSF na constituição da Libras e da ASL, por terem suas relações históricas interligadas pelos professores surdos da França para seus respectivos países, como o E. Huet para Brasil, e o Laurent Clerc para Estados Unidos. Então, investigamos para nossa curiosidade estas três línguas de sinais na comparação de alguns sinais<sup>18</sup>. Veja alguns exemplos na Figura 57 abaixo:

<b>GLOSA ICONOGRAFIA</b>	<b>Libras</b>	<b>ASL</b>	<b>LSF</b>
<b>COMER</b> 	 COMER	 COMER/EAT	 COMER/ MANGER
<b>LIVRO</b> 	 LIVRO	 LIVRO/BOOK	 LIVRO/LIVRE

<sup>18</sup> Estes sinais foram pesquisados nos dicionários da ASL e da LSF pelos endereços eletrônicos: [www.aslpro.com](http://www.aslpro.com) e [www.sourds.net](http://www.sourds.net).



Figura 57: Alguns sinais da e *Iconographia* em comparação nas três línguas de sinais de hoje

Esta investigação curiosa foi fundamental para descobrir a relação das histórias destas três línguas de sinais. O que foi mais interessante é que alguns sinais da *Iconographia* são sinais idênticos na ASL e LSF, porém na Libras de hoje estes sinais sofreram mudança fonológica.

Vejamos que a forma de sinal COMER na *Iconographia* é idêntica nas ASL e LSF, porém na Libras de hoje é sinal em mudança fonológica – CM. A forma do sinal de LIVRO é mudada na parte fonológica – CM e OP. A forma de sinal PÃO é idêntica na LSF, na ASL apresentou uma pequena mudança em MOV e na Libras de hoje é sinal com a forma inovadora. Seria interessante aprofundar nesta descoberta e entender o porquê dos sinais da *Iconographia* serem idênticos na ASL e na LSF do que os dicionários de Oates e do INES.

Há alguns sinais, principalmente no dicionário de Oates, que apresentam suas variantes regionais de hoje, veja os dois exemplos na Figura 58 abaixo:

GLOSA	SINAL em variação
CARNE	 CARNE
DORMIR	 DORMIR

Figura 58: Alguns sinais em variação de hoje

Em respeito à variação regional, o sinal CARNE é mais frequente no Nordeste e o sinal DORMIR, no Rio de Janeiro.

Nos sinais em mudança lexical do mesmo significado, há possibilidade de que alguns sinais existentes dos dicionários de Oates e do INES sejam da própria comunidade surda do INES e os alunos de outros estados brasileiros, além do conhecimento dos sinais da *Iconographia*, no qual foram encaixados ou emprestados pelos falantes surdos, ampliando o vocabulário da estrutura da Libras.

Há outro ponto interessante em que alguns sinais foram dispensados com as mesmas formas de sinais, porém foram transformados semanticamente com novo significado, por exemplo, a mesma forma do sinal PÊNDULA teve outro significado TÁXI na Libras atualmente, num caso de homonímia em Libras. Porém, este interesse não está no meu foco da pesquisa.

Em respeito aos tipos de tendências da mudança identificados e estudados, foram fundamentais para conhecer e explicar o processo da mudança histórica da Libras em que alguns sinais foram desenvolvidos diacronicamente de icônicos para arbitrários no decorrer dos anos, por meio das restrições linguísticas. Este desenvolvimento objetiva pela simplificação da sinalização em contexto de transmissão rápida e clara para o armazenamento das informações contidas nos sinais num tempo determinado, através da memória visual. Este armazenamento é realizado de curto prazo para coletar as informações linguísticas de bases visuais (Frishberg, 1975). Isso nos leva a percepção de separar os sinais das pantomimas e gestos icônicos, assim como nas pesquisas da ASL, que explicam o ponto fundamental para distinguir os gestos dos sinais, através do sistema para componentes de sinais que é possível serem combinados dos parâmetros e quanto aos gestos, não é possível. As restrições das combinações fornecem a limitação na formação dos possíveis sinais e a mudança fonológica natural nas línguas de sinais.

Os resultados destas tendências demonstram as propriedades da percepção visual e manual no qual restringem a regularização por conforto/eficiência linguística na articulação das mãos e do corpo (redução de esforço muscular), os sinais manuais que substituem o corpo, a redução do espaço de sinalização e a regularização das condições de simetria e de dominância.

Estes assuntos fazem parte da análise descritiva que está dentro da história interna da Libras, que diz respeito às mudanças nos fatores internos como a gramática (na parte fonológica) e o léxico, que influenciam o processo da mudança histórica da Libras.

Agora, partimos para a análise explicativa para entender a história externa da Libras, que diz respeito à maneira como uma parte da história da Libras evolui ao longo do tempo de acordo com suas funções sociais e suas relações da comunidade surda com a comunidade ouvinte e sua Língua Portuguesa.

Isso nos leva a refletir sobre as possíveis explicações na análise desta pesquisa e suas relações com os fatores externos que influenciam no processo da mudança na Libras em outro ponto de vista social e cultural. Estas explicações são para nossa análise no que diz respeito à Libras nos dias de hoje, observando o processo da mudança da Libras e sua relação com outros tipos da mudança linguística como empréstimo, interferência, *pidgin*, bimodalismo, português sinalizado, bilinguismo, preconceito linguístico que envolvem a comunicação entre os falantes surdos e ouvintes. Lembramos que as línguas de sinais sempre têm muitas pressões devidas aos mitos.

Dos fatores explicativos, deixamos aqui para nossa reflexão em respeito à Libras e à comunidade surda:

a) a influência de falantes ouvintes sobre a Libras:

- os vários sinais são claramente inventados por ouvintes, que acreditavam que poderiam "melhorar" a Libras, por isso, muitos ditos "sinais" que constam nos dicionários na verdade não são nem sinais e mais se parecem com gestos. Assim como na última estampa da *Iconographia* onde as entradas das formas de sinais são mais parecidas com pantomimas sobre a interjeição da língua falada.

- as línguas artificiais como o português sinalizado e o bimodalismo que atrapalham o desenvolvimento natural da Libras.

b) a influência da Língua Portuguesa na estrutura da Libras:

- pela análise dos três dicionários de sinais, em que a maioria dos sinais em *Iconographia* e Oates foi inventada para preencher na estrutura da Libras, para complementar de acordo com a estrutura gramatical da Língua Portuguesa. Por exemplo: DE, A (preposição), E (conjunção).

- ainda nos dias de hoje, algumas pessoas que não apreciam o *status* linguístico destas línguas, sempre procuram resolver as questões comparando a língua de sinais com a língua falada para moldar os sinais, seguindo a estrutura gramatical da língua falada. Este sistema moldado pode ser também a língua artificial, que incorpora dentro do sinal a configuração de mão nos dedos do início das letras das palavras da língua falada, traduzindo para o sinal. Portanto, alguns sinais moldados, que foram estabelecidos pelas formas instáveis, são

propensos para mudança e também interrompem os padrões naturais da língua (Battison, 1974, p. 13).

c) o desconhecimento sobre as línguas de sinais:

- a quantidade de dicionários de Libras no Brasil era pouca. No século XIX só havia um dicionário de sinais, que era reproduzido da *Iconographia* francesa e quase um século depois surge outro dicionário, a *Linguagem das Mãos* de Oates. A partir do século XXI, surgem vários dicionários de sinais em todas as regiões do Brasil e a maioria dos dicionários são produzidos por pessoas que gostam da Libras mas que não possuem conhecimento lexicográfico; por isso, os inúmeros problemas de documentação linguística desses dicionários colocam em questão em que medida os dados são de fato confiáveis.

d) a organização lexicográfica nos dicionários de sinais:

- a maioria dos dicionários de sinais segue a ordem alfabética, da Língua Portuguesa, onde se procura um sinal é somente pela letra inicial de uma palavra. Se deseja procurar um sinal pela glosa, como saberia buscar uma palavra que se refere mesmo ao sinal e sua glosa? Somente no dicionário digital do INES há duas formas de buscar um sinal: pela ordem alfabética (as glosas) ou pela tabela de configurações de mãos;

- a organização lexicográfica nos dicionários de sinais em vídeos como o do INES é apenas um bom começo para implementar o padrão lexicográfico nos dicionários de sinais. Porém, ainda é necessário discutir sobre as regras da organização lexicográfica dos dicionários de sinais. Pois são encontrados alguns pontos fracos na organização lexicográfica do dicionário do INES: a preocupação de tradutor/sinalizante diante da câmera como o olhar, o uso da forma de sinal pelos parâmetros fonológicos para que seja bem visualizado na câmera e para o leitor captar este sinal de forma correta; o uso e a quantidade de movimento dos sinais de acordo com uma forma de menção padronizada; a presença de alguns sinais de duas mãos, sendo uma mão não-dominante que geralmente é antecipada no momento da produção deste sinal. Estes pontos não aparecem nos dicionários de sinais impressos.

e) a discriminação ouvinte sobre a Libras:

- a história da Educação de Surdos mostra que a distância entre a educação formal, para a qual esses dicionários foram elaborados, e a vida cotidiana dos surdos, ainda é muito grande devido à discriminação histórica dos surdos; por isso, é possível que muitos sinais

documentados nos dicionários nem tenham sido de fato utilizados por surdos no seu dia-a-dia.

f) o contato contínuo dos surdos com ouvintes:

- a Libras é uma língua em contínuo processo de crioulização, tendo em vista que surdos nascem na grande maioria em famílias de ouvintes que não dominam a Libras; por isso, é possível que novos sinais sejam continuamente reintroduzidos na Libras por influência de surdos que convivem mais com ouvintes do que com surdos, e além disso, é possível que sinais mal formados, por influência dos ouvintes, sejam depois “gramaticalizados” por surdos, isto é, encaixam nos princípios de boa formação de sinais. Por exemplo, a forma do sinal E-MAIL e também o cruzamento linguístico entre os gestos e as línguas de sinais, no qual um gesto passa no processo linguístico dos morfemas lexical e gramatical para o sinal; por outro lado, essa crioulização contínua faz com que a Libras mude mais do que outras línguas.

g) a insegurança na consciência linguística dos surdos em relação à Libras:

- em respeito aos surdos, filhos de pais ouvintes não-dominantes da Libras, que só chegam em idade tardia a iniciar contato com a Libras e com outros surdos nos lugares públicos, quando nas escolas não existe a disciplina da Libras que os ensine com os conteúdos sobre conhecimentos linguísticos, socioculturais e políticos sobre a identidade surda bilíngue e a Libras. Por isso, são inseguros em relação a conhecimentos linguísticos da Libras tanto na vida social quanto na vida profissional, sobre como defender a mesma com a valorização sociocultural, histórica e linguística diante das diversas pressões da Língua Portuguesa.

#### 4.6. Conclusão

Neste capítulo, vimos sobre análise comparativa dos dados e suas três categorias de sinais. Foram realizadas a descrição de dados de cada categoria e em seguida, a discussão dos resultados desta descrição que nos levou a explorar os casos interessantes de alguns sinais em mudança nos três dicionários para entender o processo da mudança na Libras.

Outro ponto interessante em relação à Libras foi a descoberta dos sinais da *Iconographia* idênticos na ASL e na LSF hoje em dia, mais do que nos dicionários de Oates e do INES. Alguns sinais dos dicionários podem ser considerados como variantes regionais.

Estas análises evidenciam a existência do processo da mudança na Libras, que se realiza a partir das propriedades da percepção visual e manual no qual restringem a regularização por conforto/eficiência linguística na articulação das mãos e do corpo (redução de esforço muscular), os sinais manuais que substituem o corpo, a redução do espaço de sinalização e a regularização das condições de simetria e de dominância.

Foram questionados os fatores explicativos em respeito à história externa e a interna da Libras e sua comunidade surda, como a influência dos ouvintes e da Língua Portuguesa na Libras, a organização lexicográfica dos dicionários de Libras-Português, o contato contínuo dos surdos com ouvintes, o desconhecimento e da discriminação da Libras, a insegurança dos falantes surdos diante da valorização da Libras.

## 5. Considerações Finais

Esta pesquisa documental sobre um estudo descritivo de mudança fonológica e lexical na Libras foi concluída evidenciando que esta língua de sinais também percorre o processo da mudança diacrônica, assim como as outras línguas humanas. Graças a esta pesquisa, resgatamos uma parte da história da evolução da Libras, através dos três documentos históricos, os dicionários de sinais.

Com a presença destes dicionários, foi desenvolvido o *corpus* da pesquisa durante a análise comparativa de dados, ou seja, os sinais coletados em três épocas distintas, no qual estes sinais foram levantados e descritos para a classificação das três categorias de sinais: sinais idênticos, sinais em mudança fonológica e sinais em mudança lexical do mesmo significado. Nesta classificação das categorias, houve indefinição da fronteira entre mudança fonológica e mudança lexical, pois há alguns casos em que sinais de mudança lexical são confundidos com os de sinais de mudança fonológica, devido ao alto grau da iconicidade dos sinais. Depois desta análise, foram estudados os sinais de duas últimas categorias em mudança no qual são identificados os tipos de tendências da mudança que ocorreram na constituição da Libras, desde 1875 até os dias de hoje. Estes tipos tendem à mudança em direção à arbitrariedade no processo da formação de sinais através das restrições fonológicas que restringem a produção de sinais por meio das propriedades manuais e visuais na Libras.

Durante a análise deste *corpus* dos três dicionários de sinais, são encontrados os problemas de analisabilidade que se referem à organização lexicográfica, os sinais e seus significados a partir do contexto, a nitidez e o movimento dos desenhos e das fotos, as descrições verbais dos sinais correspondentes, as entradas dos sinais como a forma de menção e a glosagem. Estes problemas foram minimizados a partir da criação de critérios para dispensar alguns sinais e os procedimentos metodológicos e soluções para continuar esta pesquisa.

Com os resultados finais da análise comparativa do *corpus* dos três dicionários, tomamos conhecimento que esta parte da história da evolução da Libras é percorrida ao longo dos três séculos num processo da mudança em tempo real. Em vista disso, conhecemos os sinais arcaicos, ou seja, não são mais frequentes nos falantes surdos, e identificamos os sinais idênticos, os sinais em mudança fonológica e os sinais inovadores, ou seja, mudados lexicalmente com nova forma do

mesmo significado. Na parte dos sinais em mudança, graças aos tipos identificados da mudança que nos levam a perceber que durante este processo, alguns sinais tiveram o alto grau da iconicidade que foram transformados para sinais arbitrários, através das restrições fonológicas. Esta mudança favorece a contribuição para a constituição e a expansão das línguas de sinais.

Em respeito às restrições fonológicas na Libras, que se referem às restrições físicas e visuais que envolvem o uso das mãos e do corpo, e do espaço da sinalização de acordo com as propriedades manuais e visuais como a produção de sinais é observada a partir da percepção visual, desde que tenha o conforto linguístico e articulatório e a maior acuidade visual em contexto de transmissão rápida com a qualidade da interpretação e do tempo.

Além destes fatores, que se referem à história interna da Libras, ou seja, linguísticos, mostramos outros fatores da história externa, no qual surgem os possíveis fatores socioculturais que influenciam no processo da mudança histórica da Libras como as línguas em contato entre Libras e a Língua Portuguesa, a influência da Língua Portuguesa na estrutura da Libras, o empréstimo linguístico, o bilinguismo, o preconceito linguístico.

Além da análise comparativa dos sinais, foi realizada a análise de discussão no qual foram inseridas as questões que nos levam a refletir sobre a influência dos falantes ouvintes sobre a Libras, a influência da Língua Portuguesa na Libras, a produção lexicográfica de dicionários de sinais diante do desconhecimento das línguas de sinais, a discriminação ouvinte sobre a Libras, o contato contínuo dos falantes surdos com os ouvintes, a insegurança linguística dos falantes surdos sobre a Libras.

São as duas análises que foram estudadas e discutidas em respeito à Libras e são fundamentais para todos nós conhecermos e entendermos a parte da história da evolução da Libras do final do século XIX até os dias atuais, a partir dos registros históricos.

Este estudo descritivo realizado contribui para as descobertas linguísticas sobre Libras na nossa dimensão acadêmica e social como o reconhecimento da estrutura linguística da Libras e do processo da mudança histórica da mesma. Além destas contribuições do estudo, há as limitações para nosso conhecimento, mostrando a complexidade da pesquisa histórica da língua: a influência da Língua Portuguesa na estrutura da Libras, o desconhecimento do funcionamento da Libras, a produção de dicionários por meio de intuição, e que estes dicionários são apenas uma pequena pista para reconstrução da história da Libras no processo da mudança até hoje.

## 6. Referências Bibliográficas

- BAGNO, M. (2007). *Preconceito Linguístico: O que é, como se faz*. 49ª ed. São Paulo: Loyola.
- BATTISON, R. (1974). Phonological Deletion in American Sign Language. In: *Sign Language Studies*, v. 5, p. 1- 19.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Diário Oficial (da) República Federativa do Brasil, Brasília - Reconhecimento da Língua de Sinais Brasileira como a língua natural de uma pessoa surda. Disponível em: <[http://www.feneis.org.br/arquivos/legislacao/lei\\_da\\_libras\\_/Lei%20N%2010.436.doc](http://www.feneis.org.br/arquivos/legislacao/lei_da_libras_/Lei%20N%2010.436.doc)>. Acesso em: 09 abril 2009.
- CALVET, L. (2002). *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução de M. Marcionillo. São Paulo: Parábola.
- CAMPELLO, A. R. S. (2008). *Origens da língua de sinais brasileira*. Comunicação. Semana de Letras. Centro de Comunicação e Expressão. UFSC: Florianópolis.
- \_\_\_\_\_. (2009). *A Constituição Histórica da Língua de Sinais Brasileira: Século XVIII a XXI*. Artigo submetido para o Exame Escrito de Concurso Público para o Cargo de Professor Adjunto da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC: Florianópolis.
- Dicionário da Língua de Sinais Americana/ASL. Disponível em: <<http://www.aslpro.com/cgi-bin/aslpro/aslpro.cgi>>. Acesso em: 08 fev. 2010.
- Dicionário da Língua Brasileira de Sinais/LIBRAS. (2006) – versão 2.0. Disponível em: <[www.ines.gov.br](http://www.ines.gov.br)> e <<http://www.acesobrasil.org.br/libras>>.
- Dicionário da Língua de Sinais Francesa/LSF. Disponível em: <<http://www.sourds.net/dicolsf/>>. Acesso em: 08 fev. 2010.
- FARACO, C.A. (2005). *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola.
- FAULSTICH, E. (2005). Pressupostos para uma Lexicografia Bilíngue no Universo Educacional da Surdez. In: *Anais do IV Congresso Internacional e X Seminário Nacional do INES*. Rio de Janeiro: INES, p. 89 - 90.
- FELIPE, T.A. (2001). *Projeto Dicionário Virtual da Libras*. Fórum - INES, v.I (jul/dez). Rio de Janeiro: INES, p. 15 - 24.
- FERNANDES, T.M. e MONTENEGRO, A.T. (Orgs.) (2001). *História Oral: um espaço plural*. Recife: Universitária, UFPE.

- FIORIN, J. L. (2006). Teoria dos Signos. In: FIORIN, J. L.(Org.). *Introdução à Linguística I - Objetos Teóricos*. 5ª ed. São Paulo: Contexto.
- \_\_\_\_\_. (Org.) (2006a). *Introdução à Linguística I - Objetos Teóricos*. 5ª ed. São Paulo: Contexto.
- FRISHBERG, N. (1975). Arbitrariness and Iconicity: Historical Change in American Sign Language. In: *Language*, v.51, nº 3, p. 696 - 719.
- \_\_\_\_\_. (1979). Historical Change: From Iconic to Arbitrary. In: KLIMA, E. e BELLUGI, U. (1979). *The Signs of Language*. Cambridge: Harvard University Press.
- GABAS JR. N. (2005). Linguística Histórica. In: MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. (Orgs.) (2005). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*, v.1, 5ª ed. São Paulo: Cortez.
- GAMA, F. J. (1875). *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de E. & H. Laemmert.
- GOLDWIN-MEADOW, S. (2003). *The Resilience of Language*. Psychology Press.
- ILARI, R. e BASSO, R. (2006). *O Português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto.
- INES (2007). *O Instituto Nacional de Educação de Surdos/INES e a Educação de Surdos no Brasil – Aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos*. v.01, dez/07. Rio de Janeiro: INES.
- KARNOPP, L. (2007). *Fonologia – Curso de Letras/Libras – UFSC*.
- KLIMA, E. e BELLUGI, U. (1979). *The Signs of Language*. Cambridge: Harvard University Press.
- LEITE, T.A. (2008). *A segmentação da Língua de Sinais Brasileira (Libras): Um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. Tese de doutorado. São Paulo: USP.
- LIDDELL, S. K.(1984). Think and Believe: Sequentiality in American Sign Language. In: *Language*, v. 60, nº 2, p. 372 – 399.
- MARTELOTTA, M.E. (Org.) (2008). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto.
- MCCLEARY, L. e VIOTTI, E. (2007). Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). In: H. SALLES (Org.). *Bilinguismo e surdez. Questões linguísticas e educacionais*. Goiânia: Cãnone Editorial.

- McCLEARY, L. (2008). *Sociolinguística*. Disciplina do Curso de Letras/Libras – UFSC.
- MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. (Orgs.) (2005). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*, v.1, 5ª ed. São Paulo: Cortez.
- OATES, E. (1969). *Linguagem das Mãos*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora S.A. COLTED.
- PAULSTON, CB. (1980). *Bilingual education*. Theories and issues. Rowley, Massachusetts: Newbury House Publishers.
- PETTER, M. (2006). Linguagem, Língua, Linguística. In: FIORIN, J. L. (Org.) (2006). *Introdução à Linguística I - Objetos Teóricos*. 5ª ed. São Paulo: Contexto.
- QUADROS, R. e KARNOPP, L. (2004). *Língua de Sinais Brasileira: Estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed.
- \_\_\_\_\_, R. M. (Org.) (2006). *Estudos Surdos I: Série Pesquisas*, v.1. Petrópolis/RJ: Arara Azul.
- \_\_\_\_\_, R. M. e PERLIN, G. (Org.) (2007). *Estudos Surdos II: Série Pesquisas*, v. 2. Petrópolis/RJ: Arara Azul.
- \_\_\_\_\_, R.M. e VASCONCELLOS, M. L.B. (Org.) (2008). *Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais-TISLR9*. Petrópolis/RJ: Arara Azul.
- SILVA, V. (2006). Educação de Surdos: uma releitura da primeira escola pública para surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880. In: R.M. QUADROS (Org.). *Estudos Surdos I: Série Pesquisas*, v.1. Petrópolis/RJ: Arara Azul, p. 14 - 35.
- SCHMITT, D. (2008). *Contextualização da Trajetória dos Surdos e Educação de Surdos em Santa Catarina*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC
- SUPALLA, T. (2008). Arqueologia da Língua de Sinais: Integrando Linguística Histórica com Pesquisa de Campo em Línguas de Sinais Recentes. In: R.M. QUADROS (Org.), *Estudos Surdos I: Série Pesquisas*, v.1. Petrópolis/RJ: Arara Azul, p. 25 - 32.
- VIOTTI, E. (2006). *Introdução aos Estudos Linguísticos*. Curso de Letras/Libras – UFSC.
- WEEDWOOD, B. (2002). *História Concisa da Linguística*. Trad. Marco Bagno. São Paulo: Parábola Editorial.
- WEINREICH, U., LABOV, W. e HERZOG, M. [1968] (2006). *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial.
- WILCOX, S. (2004). *Gesture and Language: Cross-linguistic and historical data form signed languages*. Amsterdam: John Benjamins, p. 43 – 73.

- WILCOX, S. e WILCOX, P. (2005). *Aprender a Ver: o ensino da língua de sinais americana como segunda língua*. Trad. T. de A. Leite. Petrópolis/RJ: Arara Azul.
- XAVIER, A. N. (2006). *Descrição fonético-fonológica dos sinais da Língua de Sinais Brasileira (LSB/Libras)*. Dissertação de mestrado em Linguística. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)- USP.
- ZESHAN, U. (2008). Raízes, folhas e ramos - A tipologia de Línguas de Sinais. In: QUADROS, R.M. e VASCONCELLOS, M. L.B. (Org.) (2008). *Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais- TISLR9*. Petrópolis/RJ: Arara Azul.